

DARCY

REVISTA DE JORNALISMO CIENTÍFICO E CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Nº 27 • ABRIL A AGOSTO DE 2022



A UNIVERSIDADE NECESSÁRIA

UnB COMPLETA SEIS DÉCADAS DE PIONEIRISMO
CIENTÍFICO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Experimente mais ciência e cultura em seu dia a dia

Acesse a loja virtual da Editora UnB



RESGATAR A GRANDEZA DE UM IDEÁRIO E PROJETAR FUTUROS

Vanessa Vieira, editora-chefe



Vanguardista, livre e inclusiva: UnB celebra 60 anos de excelência científica e de luta social democrática. Foto: Beto Monteiro

É um orgulho imenso para a equipe da *Darcy* produzir o número comemorativo da UnB sexagenária – e, assim, também se eternizar nessa história. O trabalho incluiu revisitar o passado para nos apropriarmos dos ideais de concepção da *universidade necessária* – como projetava seu fundador Darcy Ribeiro. Resgatar as origens faz saltar aos olhos quão grande responsabilidade temos no presente e para o futuro. Somos a possibilidade de perseguir a grandeza do ideário da UnB: o de uma instituição inovadora, pensada como caminho para renovação do ensino superior e para o desenvolvimento da ciência no país.

As próximas páginas atestam o compromisso público e de todos com essa missão. Indivíduos envolvidos no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão administrativa. Um coletivo que educa e aprende, transforma e é transformado. Assim, o sentido conotativo da palavra corpo ganha contornos reais no *Ensaio Visual* (p. 50) deste número. São egressos e acadêmicos indígenas, quilombolas e negros que partilham experiências sobre como a *universidade necessária* os transformou em pessoas atuantes na sociedade.

Nossa equipe também testemunhou o desejo da comunidade acadêmica de celebrar essas seis décadas, evidenciando o que a UnB faz de melhor. Estudantes e docentes entrevistados, servidores de unidades administrativas que colaboraram com o número e

profissionais da Secretaria de Comunicação (Secom) revelaram um inspirador engajamento para comunicar os 60 anos e fazer a *Darcy* acontecer.

Faço menção ao empenho colossal (iniciado em dezembro de 2021) das discentes extensionistas Bruna Ferreira e Giulia Soares e da jornalista Serena Veloso, em parceria com o Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO) e outras unidades administrativas, no levantamento de dados sobre a última década no ensino, na pesquisa e na extensão (p. 26) – última das três publicações do *Dossiê*. O compilado comemorativo reúne a reportagem *Pioneira, inclusiva e democrática* (p. 19) e a linha do tempo *Memória UnB: 60 anos de protagonismo* (p. 32).

E nada melhor do que pulsar ciência para celebrar a Universidade. Três reportagens desta edição são dedicadas a iniciativas de ensino e pesquisa. A dose de descontração fica a cargo de *A última flor* (p. 58), que traz curiosidades sobre as siglas da UnB, e de *Arqueologia de uma ideia* (p. 10), com registros sobre a origem dos pré-moldados.

O retrato dos entrevistados ganha destaque e significado especial neste número – representa os avanços no combate à pandemia de covid-19, o que permitiu à comunidade acadêmica voltar a circular pelos *campi*. Que saudades estávamos da vivacidade que esses encontros trazem às nossas páginas!

Aprecie, sinta e celebre conosco. Viva a UnB!

DARCY

REVISTA DE JORNALISMO
CIENTÍFICO E CULTURAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Conselho Editorial

Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Secretaria de Comunicação

André Moraes Nicola

Faculdade de Medicina

Andrea Donatti Gallassi

Faculdade UnB Ceilândia

Adriana Pereira Ibaldo

Instituto de Física

Carla Silva Rocha Aguiar

Faculdade UnB Gama

Eduardo Bessa Pereira da Silva

Faculdade UnB Planaltina

Elton Bruno Barbosa Pinheiro

Faculdade de Comunicação

Gabriele Cornelli

Instituto de Humanas

Jaqueline Godoy Mesquita

Instituto de Exatas

Moacir Natércio Ferreira Junior

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Nurit Rachel Bensusan

Instituto Socioambiental

Rafael Litvin Villas Bôas

UnBTV

Sérgio Araújo de Sá

Assessoria de Comunicação Institucional

EXPEDIENTE

Secretária de Comunicação

Mônica Nogueira

Editora-chefe

Vanessa Vieira

Editores

Gisele Pimenta, Renan Apuk, Serena Veloso, Thaíse Torres

Reportagem

Bianca Mingote, Bruna Ferreira, Giulia Soares, Isabella Almeida, Kárin Ventura, Luiza Aldser, Marcela D'Alessandro, Mateus Salomão, Serena Veloso, Thaíse Torres

Editor de arte

Francisco George Lopes

Capa

Marcelo Jatobá

Design e Ilustração

Ana Grilo, Francisco George Lopes, João Paulo Parker, Luísa Reis e Marcelo Jatobá

Editores de fotografia

Anastácia Vaz e André Gomes

Fotografia e Audiovisual

Anastácia Vaz, André Gomes, Luis Gustavo Prado e Raquel Aviani

Assessoria de Imprensa

Helen Lopes, Jéssica Louza, Lanuzia Nogueira e Thiago Flores

Assessoria Técnico-Administrativa

Danilo Xavier, Doraci Rosa, Salvador Júnior e Stephani Brito

Comunicação Institucional

Hellen Câmara, Júlia Consentino, Paulo Schnor

Mídias Sociais

Angélica Peixoto, Karoline Marques

Revisão

Kárin Ventura e Vanessa Tavares

Revista DARC Y

Telefone: (61) 3107-0214

E-mail: revistadarcy@unb.br

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Secretaria de Comunicação

Prédio da Reitoria, 2º andar, sala B2-17/4

70910-900 Brasília-DF Brasil

www.revistadarcy.unb.br

Apoio:  Cebraspe

3

CARTA DA EDITORA

Edição histórica parabeniza a Universidade destacando seu pioneirismo e compromisso social ao longo das décadas

6

DIÁLOGOS

Reitora Márcia Abrahão celebra os feitos da instituição sexagenária. Protagonismo científico da UnB é evidenciado em números pela decana de Pesquisa e Inovação, Maria Emília Walter e pela diretora de Pesquisa Cláudia Amorim

10

ARQUEOLOGIA DE UMA IDEIA

Uso de pré-moldados remonta à Antiguidade e faz parte das construções históricas da Universidade

12

MITOLOGIA

Histórias e curiosidades de personagens históricos em podcast

42

CUPUAÇU

O potencial do extrato da semente para a cicatrização da pele

46

BILINGUISMO

Conjuntura do ensino de Libras e de português escrito para surdos

50

ENSAIO

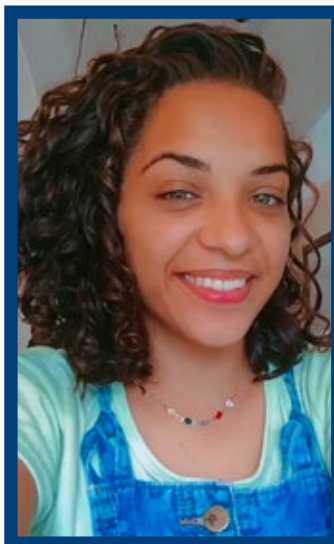
Estudantes, egressos e servidora relatam contribuições da Universidade em suas trajetórias

58

A ÚLTIMA FLOR

Siglas da UnB: lendas e curiosidades

EU CONHEÇO DARCY



Meu nome é Carolina dos Santos Silva, tenho 18 anos, e sou aluna do Colégio Estadual José Carneiro Filho (Jocaf), em Luziânia (GO). Conheci a revista *Darcy* por intermédio de um professor que a apresentou para toda a escola, e agradeço muito pelo contato com a publicação, já que ela nos deixa por dentro de várias pautas importantes. Achei muito interessante a edição 26 ter tratado sobre uma figura tão relevante para a educação: o pedagogo Paulo Freire. Como futuramente quero ser professora, ler sobre Paulo Freire na *Darcy* estimulou ainda mais essa minha vontade, e tenho certeza que os ensinamentos que obtive por meio de seu pensamento vão transformar minha vida profissional.

18

DOSSIÊ
SEXAGENÁRIA

19

VANGUARDISTA

Pioneira ao instituir cotas raciais na graduação, UnB segue atuante para democratizar o acesso ao ensino superior

32

LINHA DO TEMPO

Marcos de uma história sexagenária

26

PANORAMA

Um balanço da última década no ensino, na pesquisa e na extensão

40

ESPECIAL – 60 ANOS EM 60 SEGUNDOS

Darcy mostra bastidores de expedição científica no rio



EXCLUSIVA, DECISIVA, INCLUSIVA



* Reitora da Universidade de Brasília

Texto **Márcia Abrahão***

Ilustração **Igor Outeiral e Marcelo Jatobá**

Darcy Ribeiro afirmou que a Universidade de Brasília deveria “pensar o Brasil como problema”. Disse também que a UnB nascia com a missão de inovar. Foram muitos os percalços desde a sua instalação, em abril de 1962. A Universidade, entretanto, nunca deixou de encarar sem medo a realidade nacional, sempre levando em conta seu lugar de vanguarda. Ao chegar aos 60 anos, a UnB permanece “atuante como sempre, necessária como nunca”, como atesta o slogan escolhido para as comemorações do aniversário.

A instituição começa sob o signo do exclusivo. Em seus dois primeiros anos, permanece nova, pulsante, única. Se a história do país atrapalha o projeto que quer dar corpo real a uma utopia educacional, mantém-se a vontade vitalícia de construir novas formas de conhecimento e os modos de repensar noções tradicionais, de cátedra e currículo, por exemplo. Em sua origem, a UnB adota o ingresso único para todos os cursos de graduação e o trânsito interdisciplinar como complemento à formação superior. A ousadia da interdisciplinaridade, entretanto, teve de disputar espaço com o excesso de disciplinaridade ao longo das décadas.

Os 10 mil estudantes previstos por Darcy Ribeiro como “lotação total”, no projeto inicial de organização da UnB, ficaram para trás. São quase 50 mil neste 2022. E a Universidade ganha, com o passar do tempo, outra vocação que faria o antropólogo dar pulos de felicidade. Somos um lugar de inclusão. Temos a ousadia de querer ensinar ao Brasil que é possível colocar para dentro todos que se sentem de fora. Para isso, não abrimos mão da excelência acadêmica. Sim, tudo ao mesmo tempo. Agora e no futuro. Porque a história sexagenária da UnB se fez de desafios e de conquistas.

Próxima ao poder federal, a Universidade parece refletir a vida nacional. É uma caixa de ressonância inquieta e vibrante. O originário grito de independência pedagógica se viu, durante 20 anos, sufocado pela constrangedora situação política antidemocrática.

Nos últimos anos, enfrenta restrições orçamentárias e ataques à liberdade de cátedra que pretendem silenciar a nossa razão de ser, a verdade da nossa ciência. Nossa autonomia.

Mas a Universidade de Brasília se reforça nas eventuais adversidades. Fomos obrigados a reinventar a Universidade há dois anos. Primeiro, a pandemia nos deixou atônitos. Em seguida, nos trouxe à memória uma vida de superações. Colocamos a mão na massa para manter nosso tripé sobre os próprios pés. Ensino, pesquisa e extensão se juntaram a uma infinita criatividade a fim de mostrar à sociedade brasileira quem somos, o que fazemos, por que existimos, onde aplicamos as melhores energias, como devolvemos investimento e confiança à sociedade que nos sustenta.

Quando o vento está a favor, a Universidade vai muito além, para surpresa da torcida adversária e dos mais céticos. Instituiu as cotas como parte do sonho de justiça social e foi além do Plano Piloto para estar perto de outras comunidades do Distrito Federal. Entre as dez melhores federais brasileiras em praticamente todos os rankings nacionais e internacionais, a UnB continuará seu propósito de “plasmar mentalidades mais abertas, mais generosas e mais lúcidas”, para citar outra vez o inventivo Darcy.

Aos 60 anos, a UnB é uma estudante rebelde que tira boas notas, ornamentada por coroas de flores do cerrado do Planalto Central. Sabe aliar maturidade a juventude, correndo riscos calculados em mil fórmulas – exatas e humanas. Traça na arquitetura de suas construções o propósito de ser sempre mais e melhor, ainda que reconheça erros para voltar ao caminho correto. Propõe que a liberdade de circulação em seus campi no Plano Piloto, em Planaltina, no Gama e na Ceilândia seja a extensão do conforto das casas de professores, técnicos, estudantes e terceirizados.

Necessária, a Universidade de Brasília atua no nunca e no sempre. Por isso, desejo com toda a sinceridade possível e impossível: parabéns, UnB, linda ontem, hoje e também no amanhã de um longo futuro.

PESQUISA E INOVAÇÃO A SERVIÇO DO DF E DO BRASIL



Na Faculdade de Ciências da Saúde, o Laboratório de Farmacognosia dá suporte à pesquisa de doenças como dengue, zika, chikungunya e febre amarela. A unidade dispõe de equipamentos raros em Brasília, como o Extrator Acelerado de Solvente (ASE) – tecnologia que retira extrato de plantas. Foto: Anastácia Vaz

Texto **Maria Emília Walter*** e **Cláudia Amorim****

Em 1962, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro propuseram para a Universidade de Brasília um modelo de educação que une a modernidade das pesquisas tecnológicas à produção acadêmica voltada para a sociedade, com o propósito de trazer melhorias para o país. A partir dessa premissa, desde então, a pesquisa institucional vem crescendo, juntamente com o impacto resultante da produção científica.

Atualmente a Universidade soma mais de 3.500 projetos de pesquisa em andamento e cerca de 600 grupos de pesquisa certificados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nestes grupos, cerca de 20% dos docentes são bolsistas de produtividade em pesquisa. Os dados são de mapeamentos realizados pelo Decanato de Pesquisa e Inovação (DPI) desde 2017.

A infraestrutura de pesquisa instalada ao longo das décadas é ampla e sólida: possui mais de 690 laboratórios; 76 núcleos e 32 centros de pesquisa; além de 46 infraestruturas de apoio, como bibliotecas, fábricas, museus e coleções. Entre os laboratórios de pesquisa, 96 prestam serviços tecnológicos e 45 são multiusuários, com equipamentos de alta complexidade. O quantitativo de laboratórios cresceu em mais de 100% nos últimos 20 anos.

No âmbito da inovação, entre 2017 e 2021, duas frentes de trabalho congregaram os esforços do Núcleo de Inovação Tecnológica do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (NIT/CDT) da UnB. A primeira delas é o empreendedorismo, que em 2021 teve mais de mais de 900 alunos matriculados em disciplinas de graduação na temática; 78 empreendimentos inseridos na Multincubadora de base tecnológica, sendo 29 empresas pré-incubadas e 49 incubadas (11 graduadas, ou seja, que concluíram o processo de incubação); e 47 empresas juniores abrigadas por unidades acadêmicas de diferentes áreas do conhecimento.

A segunda frente refere-se à propriedade intelectual e foi responsável por 73 transferências de tecnologia. O número representa um aumento, em quatro anos, de quase 100% quando comparado às duas décadas anteriores (75 licenciamentos de 1986 a 2016). São evidências do esforço da Universidade para transformar os resultados das suas pesquisas em produtos úteis para a sociedade.

É importante destacar que a UnB já arrecadou mais de R\$ 50 milhões em *royalties*, relativos a 148

transferências de tecnologia desde a criação do NIT/CDT em 1986. Ainda, foram depositadas junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) proteções nas seguintes modalidades: 255 patentes; 222 programas de computador; 26 desenhos industriais; e 71 processos de marcas institucionais.

Por meio do projeto *Pesquisa e Inovação nos 60 anos da UnB*, integrante do *Programa Especial UnB 60 anos* do Decanato de Extensão, o DPI vem realizando um refinamento dos mapeamentos anteriores, em uma retrospectiva histórica que visa apresentar os projetos de pesquisa em três eixos temáticos: 1) Pesquisas da UnB relacionadas a Brasília e DF; 2) Pesquisas da UnB em colaboração com instituições internacionais; e 3) Pesquisas recentes na UnB, com foco nos mais de 200 projetos de pesquisa, inovação e extensão para enfrentamento à pandemia de covid-19.

Preende-se, com esta ação: gerar portfólios, evidenciando o impacto regional, nacional e internacional das pesquisas da UnB; disponibilizar informações acessíveis para as comunidades interna e externa, enfatizando os benefícios da sua forte produção científica e contribuições para inovação; e, por fim, reforçar e dar maior visibilidade ao papel social da universidade pública para a qualidade de vida e mitigação de problemas complexos da sociedade.

O método para levantar essas informações envolve consultas a diversas bases de dados, como: a plataforma UnB Pesquisa (<http://pesquisar.unb.br/>), que mostra a produção científica e parcerias; o Scival, que evidencia quantidade e impacto de publicações; a plataforma Sucupira e os relatórios do Programa Print/Capes, que contêm projetos nacionais e internacionais desenvolvidos nos quase cem programas de pós-graduação; e o repositório de projetos de combate à covid-19 (<http://repositoriocovid19.unb.br/projetos/>). Após a consolidação dos dados, serão selecionadas informações relevantes, dentro de um recorte temporal.

O projeto *Pesquisa e Inovação nos 60 anos da UnB* documenta e evidencia o legado passado e presente dessa Universidade, vibrante como o espaço inovador da cidade de Brasília, que a abrigou desde 1962. Em consonância com o modelo proposto por seus criadores, a UnB, por meio da produção de conhecimento, traz uma contribuição essencial para a solução de problemas e melhoria na qualidade de vida da população de Brasília, do Distrito Federal e do Brasil.

*Decana de Pesquisa e Inovação (DPI) da UnB

**Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação (Dirpe/DPI) da UnB

OS PRÉ-MOLDADOS

Texto **Luiza Aldser**

Muito similar à lógica dos blocos de lego, os pré-moldados trazem praticidade para obras e podem facilitar a montagem de edificações. A técnica agiliza trabalhos de construção permitindo erguer prédios inteiros em poucos meses. Da reconstrução de cidades após a Segunda Guerra Mundial à edificação da Universidade de Brasília, entenda como os pré-moldados são fabricados e as principais vantagens deste material.

O SURGIMENTO

A origem dos pré-moldados está diretamente ligada ao uso do concreto armado. Eles consistem na colocação do concreto em um molde, onde vigas, pilares e lajes são fabricados antes mesmo que a edificação da estrutura seja iniciada. Já o concreto armado consiste na utilização de concreto em uma estrutura com barras de aço.

Não existe registro de uma data específica para a invenção dos pré-moldados. Acredita-se que a ideia tenha surgido no Império Romano em 211 d.C (depois de Cristo). Pesquisadores descobriram uma edificação antiga, com piscinas e áreas de banho, construída com argamassa e barras metálicas. Márcio Buzar, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Brasília, nos conta outra possibilidade: os pré-moldados foram desenvolvidos em conjunto com o concreto armado e a argamassa para vasos e barcos, entre os anos de 1855 e 1877. Estudos mais recentes sugerem ainda que o primeiro uso da técnica foi na construção do Cassino de Biarritz, em 1891, na França.

BENEFÍCIOS

Os pré-moldados chegam previamente formatados à obra e são montados com o auxílio de máquinas. Uma construção que levaria anos para ser concluída pode ser finalizada em poucos meses. Devido à facilidade e agilidade na construção, a tecnologia foi amplamente utilizada na Europa entre 1945 e 1955 – período que compreende o pós-guerra. Após a devastação provocada pelos conflitos, foi preciso encontrar uma forma de abrigar rapidamente a população e reconstruir as cidades.

Atualmente, o metro quadrado de uma edificação com pré-moldados custa em média R\$ 800. Despesas com transporte e logística é o que encarece o projeto, e não o preço do material. Já na alvenaria, que utiliza argamassa e tijolos, o valor é cerca de R\$ 50. Apesar do concreto pré-moldado ser mais caro do que uma obra de alvenaria, o custo-benefício geralmente é mais vantajoso, pois eles são previamente contabilizados de acordo com a estrutura a ser montada. Isso evita desperdício de materiais e de recursos humanos para a equipe de obras.

Outra vantagem da técnica é a sustentabilidade, pois seu processo gera menos resíduos ao meio ambiente. A produção é feita por moldes encaixados e cada peça é previamente calculada de acordo com o projeto. Na construção tradicional, erros manuais são mais frequentes durante a montagem das estruturas, sendo necessário refazer processos ou até mesmo descartar materiais danificados, como tijolos e cimento, que são altamente poluentes.



Fábrica de pré-moldados da Novacap.
Foto: Paulo H. Carvalho/Agência Brasília.
À direita, na outra página, croqui do ICC
Norte. Ilustração: Oscar Kneip

SAIBA MAIS

Filmes, estudos e curiosidades sobre os pré-moldados na UnB





Foto: Raquel Aviani

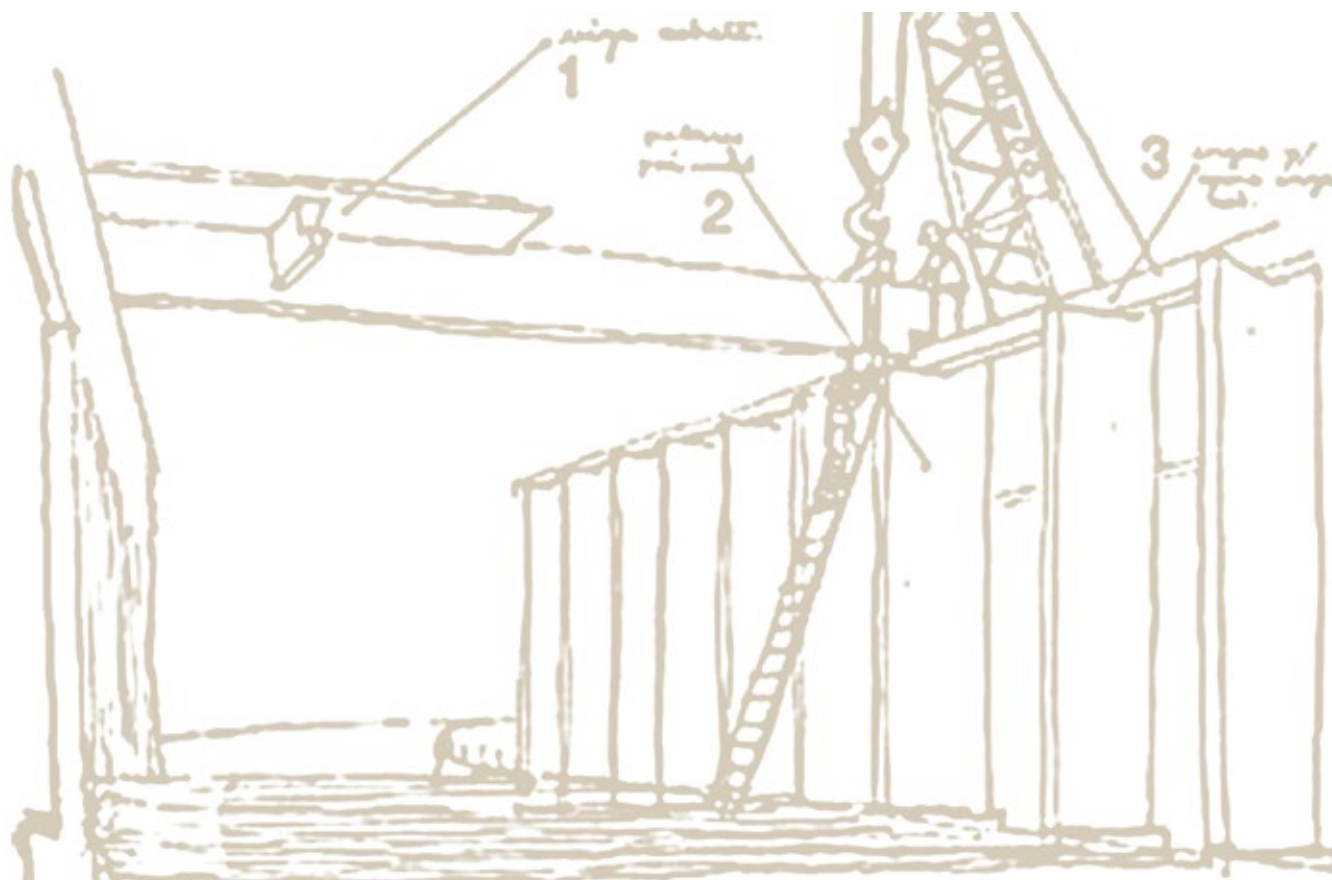
PATRIMÔNIO BRASILEIRO

A maior e primeira edificação brasileira com o uso dos pré-moldados é o Hipódromo da Gávea – atual praça de corridas do Jockey Club Brasileiro, situado no bairro da Lagoa, no Rio de Janeiro. Construído em 1926, o curto prazo para a entrega da obra foi um dos fatores que levou os engenheiros a optarem pelo uso da técnica. O método também foi aplicado em diversos edifícios de Brasília. A urgência para transferir a sede do governo para o novo Distrito Federal exigia rapidez para dar vida aos planos de modernismo e à estética tombada da Capital. O material foi usado em edificações, como o Teatro Nacional, a Plataforma Superior da Estação Rodoviária e o Hospital Sarah Kubitschek.

Os pré-moldados também fazem parte da história da UnB. Graças à tecnologia, o arquiteto Oscar Niemeyer conseguiu que os prédios

da Universidade fossem edificados em pouquíssimo tempo. No Instituto Central de Ciências (ICC) foram utilizados dois blocos com 700 metros de comprimento – um com 25 metros de largura (ala dos anfiteatros), e outro com 30 metros (ala dos laboratórios). A edificação até poderia ser feita com outro tipo de material, mas a opção pela técnica agilizou a entrega do prédio. Iniciadas em 1962, as obras foram concluídas no ano de 1971.

Estudo do pesquisador Marcelo Aquino Corte Real da Silva aponta o uso de pré-moldados para acelerar a construção da Faculdade de Educação e dos pavilhões de Serviços Gerais. Nas últimas décadas, a técnica foi adotada no projeto urbanístico dos novos campi da UnB em Ceilândia (FCE), Planaltina (FUP) e Gama (FGA). Ao longo de seus 60 anos de história, a arquitetura da Universidade conserva, como parte de sua identidade, o legado dos pré-moldados.



DE AFRODITE A JESUS DE NAZARÉ:

CONHEÇA PERSONAGENS HISTÓRICOS E MITOLÓGICOS OUVINDO O PODCAST ARCHAI

Com episódios semanais, o programa aborda a história e curiosidades de figuras que contribuem para o pensamento ocidental, num bate-papo descontraído com estudiosos da área de filosofia

Texto **Isabella Almeida**
Ilustrações **Lúisa Reis**



Repentinamente privados do espaço da sala física, quadro, canetão e conversa com olhos nos olhos, a alternativa encontrada por muitos professores, frente à pandemia de covid-19, foi recorrer à tecnologia para aumentar o interesse dos estudantes nos conteúdos ministrados. Foi com essa preocupação didática que o docente Gabriele Cornelli, do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (FIL/UnB), inovou na condução da disciplina História da Filosofia Antiga. “Me veio a ideia de preparar três ou quatro episódios de podcast para não matar os alunos de tédio com minhas aulas ao vivo pelo computador”, brinca.

A ideia da pequena série, lançada em agosto de 2020, deu lugar a uma robusta produção que já passou a marca de 50 episódios. Lançados às sextas-feiras pela manhã, os podcasts abordam personagens mitológicos ou históricos e sua contribuição para o pensamento ocidental. A inovação não só cativou os alunos da disciplina, como tem conquistado ouvintes mundo afora: o Podcast Archai já soma mais de 20 mil acessos.

O sucesso se dá pelo formato descontraído da produção e pelas temáticas e entrevistas que despertam a curiosidade mesmo de quem nunca se interessou por Filosofia Antiga. “Para nossa grande surpresa, a comunidade tem demonstrado muito interesse. Aliás, mais do que isso: carinho mesmo com o projeto”, compartilha Cornelli. Segundo o professor, o perfil predominante da audiência é de alunos de graduação, docentes de diversas universidades de países de Língua Portuguesa, seguido pelo público não acadêmico.

Se depender de sua crescente popularidade e do interesse de estudiosos da área, serão produzidos, no mínimo, mais 50 novos episódios. “Tem colega que entra em contato e se convida para falar. Estamos achando ótimo!”, comemora Cornelli.

COMO FUNCIONA

A cada episódio, cuja duração é de até 60 minutos, um convidado discorre sobre a personagem da vez e sua importância para o pensamento ocidental. Antes de abordar a temática, os convidados compartilham histórias e confissões sobre a trajetória acadêmica, casos divertidos de vocações improváveis para os estudos clássicos, percursos pessoais e intelectuais com os quais muitos classistas e ouvintes acabam se identificando. Diferentemente dos livros e artigos filosóficos, a linguagem e o conteúdo são abordados de forma pouco complexa, muito dinâmica e sempre dispendo curiosidades que despertam a atenção do público.

É o caso do episódio 31, dedicado à Afrodite. Muito conhecida como a deusa do amor, a personagem é na verdade a deusa do sexo, como afirma Giuliana Ragusa, professora de Língua e Literatura Grega Antiga do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP).



Oeuvre de Canova: Recueil de Statues (1817) de Domenico Marchetti. Fonte: The Metropolitan Museum of Art



Preocupado com o esgotamento causado pelo uso de telas como recurso de comunicação durante a pandemia de covid-19, o docente Gabriele Cornelli enxergou como saída didática a produção de podcasts – iniciativa que resultou no Podcast Archai. Foto: Anastácia Vaz

“Seu mundo compreende tudo relacionado ao enlace sexual, seja como elemento de procriação da espécie ou como prática em suas possibilidades eróticas. No universo grego, há a concepção de que o desejo sexual é sempre uma força externa: o poder de Afrodite. Não por acaso ela é a mais bela entre as deusas gregas, a única chamada de áurea – dourada como o ouro”, conta Ragusa sobre a deusa relacionada à beleza, à sedução e ao erótico.

O episódio 22 ilustra a diversidade de personagens ao apresentar Jesus de Nazaré, separando sua figura histórica do aspecto religioso. O podcast aponta Jesus como um homem que obteve sucesso em seu movimento e que deve ser pesquisado pela ciência, embasando-se em estudos que começaram no século XVIII e se desenvolvem até hoje.

“É só no final século XIII que começam a aparecer trabalhos sobre Jesus histórico, sobre a busca dessa personagem, afinal, em pleno século XII se vive a ideia de que todo objeto só existe na medida em que ele é passível de comprovação. Como a fé não é argumento para sustentar nenhum objeto, pesquisadores começam a se perguntar quem era Jesus histórico”, conta André Chevitaress, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para conhecer a variedade de conteúdos já publicados, basta acessar o podcast em aplicativos como Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts, Breaker, Radiopublic. A produção também está no Youtube, basta procurar por Archai UNESCO Chair – Universidade de Brasília.

NOS BASTIDORES

Para colocar a ideia em prática, o docente Gabriele Cornelli recorreu à ajuda do amigo radialista Rodrigo Resende, da Rádio Senado. A execução reuniu pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília (PPGμ/UnB) em parceria com a Cátedra Unesco Archai sobre as Origens Plurais do Pensamento Ocidental.

Entre os colaboradores está a doutoranda do PPGμ Fernanda Pio, participando desde o primeiro episódio, quando atuava nos bastidores de gravação e edição dos arquivos. Ela estreou como apresentadora no episódio oito, e as atividades do podcast acabaram tornando-se um hobby. Além da vontade de produzir algo de qualidade, seu apego ao produto encontra lugar no afeto presente nas falas dos convidados.

“Gravamos com a professora Zélia Cardoso, da USP, poucos meses antes de seu falecimento. Foi um belíssimo episódio sobre Propércio, e pudemos eternizar fragmentos muito íntimos de sua trajetória pessoal e acadêmica”, relembra Fernanda Pio, emocionada, sobre a experiência eternizada no episódio 26. Além de criar conteúdo acessível ao público seja de leigos ou estudiosos, ela enfatiza que o podcast “valoriza de maneira única os pesquisadores e suas jornadas”.

Seu episódio favorito é o 15, sobre Dike, deusa da mitologia grega que personifica a justiça, apresentada por José Antônio Alves Torrano, docente de Letras Clássicas da USP. “Me identifiquei demais com o carinho que ele tem pelos professores que marcaram sua trajetória e também com relato sobre o papel que a intuição exerce nas suas escolhas de carreira”, revela Fernanda Pio.

O gosto pelo projeto é tão grande que ela não pensa em encerrar sua participação. “Ainda que eu finalize o doutorado e vá para outra instituição, gostaria de continuar no programa. Talvez minha participação se encerre junto da trajetória do podcast, mas não pensamos em parar tão cedo.”

Participar da iniciativa, que nasceu pequena e ganhou relevância, proporcionou à doutoranda um novo olhar para a vida profissional. “O podcast me fez perceber que a carreira da maioria dos pesquisadores não é linear ou perfeita. Apreciar a trajetória dessas pessoas me fez olhar para minha história com mais respeito e consideração”.

A experiência deixou claro que o conhecimento acadêmico deve dividir espaço com os ensinamentos da vida. “Fiz graduação em Direito e fui me interessar por filosofia muito ‘tarde’, fazendo com que eu me sentisse muitas vezes uma impostora [na área]. Com as entrevistas, percebi que a regra é um caminho cheio de curvas, renúncias, aventuras e situações inesperadas. Essas são as histórias mais interessantes! Hoje me sinto mais confortável no desenvolvimento da minha pesquisa e na interação com outros colegas e professores”.

A equipe do Archai tem participação de Lorena Ferreira, doutoranda da Universidade de Brasília; Beatriz de Paoli, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e Flávia Amaral, pós-doutoranda da Universidade de Toronto, no Canadá. Na pós-produção estão Arthur Sobreira, mestrando do PPGμ, e Ariadne Coelho, doutoranda da Universidade de Coimbra, em Portugal.

“O podcast me fez perceber que a carreira da maioria dos pesquisadores não é linear ou perfeita. Apreciar a trajetória dessas pessoas me fez olhar para minha história com mais respeito e consideração”

Fernanda Pio



Apresentadora do podcast, a doutoranda Fernanda Pio passou a apreciar mais sua trajetória acadêmica após conhecer os relatos dos pesquisadores entrevistados no programa. Foto: Gabriel Saraiva



Tito Lucrécio Caro.
Fonte: Domínio Público

“Este projeto tem o rosto dos 60 anos da UnB: tradição e inovação, passado e futuro, a serviço de um conhecimento que possa transformar a sociedade”

Gabriele Cornelli

OUVINTES TAMBÉM TÊM VOZ

O engajamento de ouvintes com o podcast já rendeu, inclusive, participação no programa. É o caso de Rodrigo Tadeu Gonçalves, professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba. Ele encontrou refúgio na produção quando começou o isolamento social.

“Procurava por assuntos mais leves, que pudessem me fazer bem. Considero que o Podcast Archai seja desse tipo, por conta da abrangência dos temas e do modo como são tratados. Não é aquele conteúdo estritamente acadêmico”, opina o professor. Gonçalves compartilha que o produto conseguiu conectá-lo com colegas que estavam em isolamento ou que residem em cidades mais distantes, com os quais não costumava manter contato frequente.

O docente da UFPR destaca, ainda, o acolhimento da equipe do Archai. “Particpei como convidado falando sobre Lucrécio, e percebi um clima de familiaridade, reconhecimento e acolhimento. A equipe trabalha muito bem e nos deixa à vontade como ouvintes e como participantes”, elogia o pesquisador sobre a experiência no episódio 11.

Professora de Língua e Literatura Grega na USP, Adriane Duarte é ouvinte assídua do programa e teve “a sorte de ser convidada para participar do segundo episódio e conhecer a proposta e a dinâmica do programa” ainda em sua fase embrionária. Em uma

conversa descontraída, ela conta como o fabulista grego Esopo se encaixou em sua trajetória de pesquisa, compartilha suas memórias afetivas, além de curiosidades, exemplos e morais de histórias do escritor.

Para Duarte, “o podcast cumpriu um papel importantíssimo durante a fase mais aguda da pandemia, ao conectar quem estava em isolamento, sem a possibilidade de encontros presenciais”. Ela acrescenta que o programa contribui para valorizar estudiosos da área ao “mapear e registrar a rede de pesquisas e as atividades dos classicistas brasileiros, dando um rosto a eles.”

Para a alegria de seus entusiastas e para o bem da divulgação científica no país, o Podcast Archai segue em rota de crescimento. Em 2022, a busca é por investir em recursos tecnológicos que aprimorem a qualidade técnica do produto.

Para Cornelli, inovações como o Archai são um retrato da relevância e do compromisso social da Universidade. “Creio que um projeto como este tem o rosto dos 60 anos da UnB: tradição e inovação, passado e futuro, a serviço de um conhecimento que possa transformar a sociedade.” O docente se alegra por “a cada semana ser surpreendido com ouvintes que não imaginávamos” e torce para “venham mais boas surpresas”.

Para acompanhar as produções, acesse o site: www.anchor.fm/podcast-archai.



A CÁTEDRA

A Cátedra Unesco Archai sobre as Origens Plurais do Pensamento Ocidental é resultado de uma parceria entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a UnB. A Cátedra é quem publica o Podcast e a revista científica Archai, conceituada na área de Filosofia e de Estudos Clássicos no Brasil.

A Cátedra já organizou mais de 15 seminários internacionais e uma série de simpósios. É responsável por coleções de livros e pelo projeto de extensão Aesopica – As fábulas de Esopo: filosofia, ética e sabedoria popular. A parceria entre a Unesco e a UnB reflete o engajamento da Universidade com a comunidade internacional. Informações e produções da Cátedra estão disponíveis no site: <http://www.archai.unb.br>.



Justiça. Fonte:
Domínio Público



Pioneira, inclusiva e democrática

Primeira no país a instituir política afirmativa de cotas raciais na graduação, a Universidade de Brasília segue dando exemplo ao promover a equidade no acesso à pós-graduação e ao inovar em seus processos seletivos

Texto **Mateus Salomão**

Ilustrações **Francisco George Lopes e Marcelo Jatobá**

“**D**aqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos [...], haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje.” O fragmento da peça *As três irmãs*, do dramaturgo russo Anton Tchekhov, escolhido como texto motivador da redação do vestibular do segundo semestre de 2004 da Universidade de Brasília, dava a tônica de um processo que se consolidava. Naquele primeiro dia de provas, em 26 de junho, a instituição fazia história como a primeira universidade federal brasileira a adotar uma seleção com vagas reservadas para candidatos negros.

A proposta de produção textual convidava os candidatos a escreverem uma carta imaginando como seria o ensino brasileiro em 2050. Ainda não chegamos lá, mas a medida adotada no processo seletivo concretizou esforços da Universidade, em consonância com demandas sociais, para reconhecer e mitigar desigualdades históricas. Sim, a Universidade foi pioneira: não havia, à época, mecanismo legal que obrigasse instituições de ensino superior do país a destinar vagas em políticas afirmativas.

A medida se somou ao rol de resoluções anteriores focadas em promover inclusão social, a exemplo do Programa de Avaliação Seriada (PAS). Aprovada em 1995, a iniciativa tinha como objetivo aproximar Universidade e escolas de educação básica, propondo um processo que contribuísse para a formação do estudante ao longo do ensino médio.

Os esforços mais recentes da UnB para contribuir com rumos da educação no país ganham destaque com a aprovação das ações afirmativas na pós-graduação, em 2020. Hoje, estudantes negros, quilombolas e indígenas contam com vagas reservadas nesses cursos, garantindo maior inclusão de sujeitos e diversidade de pontos de vista nas pesquisas.

Em seus 60 anos de história, a Universidade de Brasília tem concretizado a visão de seus idealizadores: ser uma instituição pioneira, inclusiva e democrática, cujo protagonismo busca também inspirar outras universidades a democratizar o acesso ao nível superior no país.

RECONHECIMENTO DE INIQUIDADES ESTRUTURAIS

A criação da reserva de vagas para negros na UnB ocorreu a partir de decisão do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) em 2003. As discussões, porém, são anteriores. Professora emérita do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, Rita Laura Segato explica que o movimento negro sempre lutou por ações afirmativas para compensar as perdas da população negra oriundas do processo escravocrata. Na UnB, o tema ganhou os holofotes com o *Caso Ari*.

“O caso da reprovação sumária e injusta de um estudante negro, originário do Recôncavo Baiano, que ingressou no doutorado do Departamento de Antropologia da UnB”, resgata Rita Segato o episódio com acadêmico que cursava uma disciplina do semestre inicial e cuja reprovação posteriormente foi reconhecida como racismo institucional. A luta pela reconsideração da nota de Arivaldo Lima Alves, em 1998, pavimentou o debate sobre a discriminação na academia. O fim do caso se deu no Cepe, quando, após pedido de vistas do professor emérito do Departamento de Saúde Coletiva Volnei Garrafa, o estudante foi aprovado, podendo defender o doutorado com láurea.

O caso de Ari impulsionou Rita Segato e o professor do Departamento de Antropologia José Jorge de Carvalho a seguirem na batalha contra o racismo, resultando na proposição do *Plano de metas para a integração social, étnica e racial da Universidade de Brasília*. O documento previu, entre outras medidas, a reserva de 20% das vagas do vestibular para negros. “A origem das cotas no Brasil foi local. Nós não copiamos modelos. Foi um processo de crítica ao racismo acadêmico no país”, lembra a professora emérita.

RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

Quando as cotas foram aprovadas, a edição impressa de 7 de junho de 2003 do *Jornal do Brasil* destacou que a UnB tinha apenas 2% de graduandos negros. A política afirmativa mudou esse cenário: no primeiro semestre de 2013, uma década após sua adoção, pretos e pardos representaram 31% dos graduandos, segundo o Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO/UnB). Mas, ao longo desses anos, foi preciso um forte embate para garantir a continuidade da ação afirmativa.

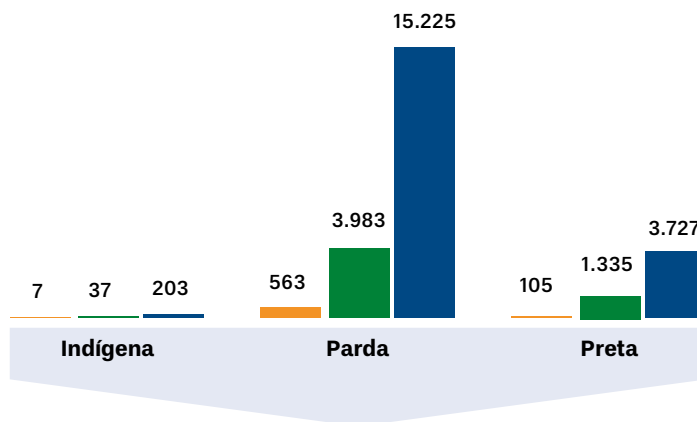
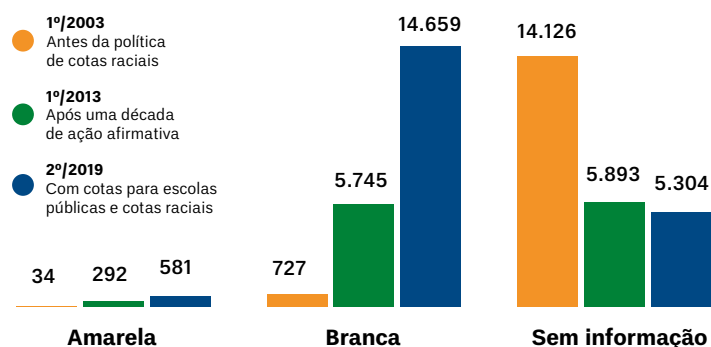
Dione Moura recorda que, no início da vigência da política, jornais apregoavam falhas no modelo ou buscavam denunciar o que consideravam discriminatório aos grupos não acolhidos pelas cotas. “Houve muita resistência, inclusive da imprensa mais conservadora, que combatia a UnB dizendo que não existia racismo ou desigualdade no Brasil, e até mesmo dizendo que não existiam pessoas negras no Brasil.”

Diogo Alcântara sentiu na pele os entraves que foram levantados. Egresso de escola pública, ele via como distante o acesso ao ensino superior. Mas foi um dos aprovados no vestibular de 2004 e ingressou na Universidade de Brasília por meio das cotas. “Eu fui criado em Samambaia [DF] e aqui tinham poucos estudantes da UnB. Esses poucos geralmente faziam cursos que não eram tão disputados”, compartilha ele, agora jornalista, sobre a conquista de cursar uma graduação concorrida.

A realização do sonho veio acompanhada da resistência e da desconfiança que a chegada dos primeiros cotistas causava no meio acadêmico. “No geral existia um sentimento muito contrário [à política afirmativa]. Não havia o entendimento que hoje se tem do conceito de equidade e de oferecer condições adequadas para pessoas que partem de diferentes pontos de vida”, diz Diogo. Ele relembra alegações como a de que as cotas tinham um caráter discriminatório ou que reduziriam a qualidade do ensino da Universidade.

Os questionamentos tomaram o debate público e chegaram à mais alta corte do país. Em 2009, as cotas para negros foram alvo

População por cor/raça na graduação



Dione Moura, diretora da Faculdade de Comunicação, foi relatora da proposta e conta sobre o movimento que se instalava no mundo após a terceira *Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância* – conhecida como *Conferência de Durban*. Realizado em 2001, na África do Sul, o evento reuniu 173 países que se comprometeram a atuar em prol da agenda. “Os núcleos de estudos afro-brasileiros de várias universidades acabaram recebendo a comitiva de Durban, composta pelas pessoas que estiveram na conferência, como intelectuais, pesquisadores e agentes de Estado”, contextualiza sobre o debate que influenciou os avanços na temática.





O jornalista Diogo Alcântara ingressou pelo vestibular na primeira leva de cotistas da UnB. Ele considera que, sem a política, não teria sonhado com o curso de Comunicação Social, que foi o quarto mais concorrido da UnB à época. Foto: Anastácia Vaz

de Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) no Supremo Tribunal Federal (STF). A ação questionava se a política de reserva de vagas com base em critério étnico-racial estaria em consonância com a Constituição Federal. Em abril de 2012, a corte reconheceu sua constitucionalidade, por entender que a ação estaria “propiciando que os historicamente menos aquinhoados com oportunidades, possam ter acesso a isso e projetar essa mudança [social]”, segundo voto da relatora, ministra Carmen Lúcia.

Vencido o embate, Dione Moura observa que “a vanguarda da UnB teve um efeito positivo, histórico e definitivo no debate e na promoção de políticas de igualdade racial e do acesso ao ensino superior”. Ela entende que a medida é uma inspiração para outras instituições. “O que a UnB fez alicerçou as políticas de inclusão no ensino superior, na graduação e na pós-graduação, para gerações e gerações de estudantes brasileiros.”

DIVERSIDADE ENRIQUECEDORA

As cotas raciais transformaram o perfil da comunidade discente da Universidade de Brasília. Graduada em Ciências Sociais, Ana Elisa Santanna, mulher negra, não entrou por cotas, mas testemunhou a mudança. “Em 2005, entrei para cursar Jornalismo. Éramos minoria absoluta: de quase 70 pessoas, quatro ou cinco eram negras. Quando retornei em 2018, encontrei uma Universidade totalmente diferente”, conta a jornalista, que hoje cursa sua segunda graduação.

Ana Elisa experimenta uma Universidade cuja inclusão social foi ampliada com a reserva de 50% das vagas de graduação para estudantes de escolas públicas. A medida, aprovada em 2012 pela Lei Federal nº 12.711, prevê entre os critérios de destinação das vagas o recorte de renda e de raça. Além de acatar a decisão inclusiva, a UnB permaneceu com a política afirmativa para negros, reservando 5% de suas vagas para esse público. Assim, em 2019, pretos e partos representaram 47,8% dos graduandos, o equivalente a quase 19 mil estudantes, de acordo com o *Anuário estatístico 2020 da UnB*.



Cursando segunda graduação na UnB, Ana Elisa Santanna celebra a Universidade sexagenária, que se tornou mais plural e diversa, após a adoção das políticas afirmativas. Foto: Anastácia Vaz

A partir de 2020, a trilha de avanços foi ampliada para a pós-graduação. Aprovada por unanimidade no Cepe, a Resolução nº 44 estipula a reserva de, no mínimo, 20% das vagas de cada processo seletivo para candidatos negros. A norma prevê, ainda, a criação de pelo menos uma vaga adicional para indígenas e outra para quilombolas. “Todo esse processo se reflete no que é a Universidade hoje, porque a tendência é se enriquecer, ter uma pluralidade e diversidade maior”, pondera Ana Elisa.

A reserva de vagas na pós-graduação segue carente de legislação em âmbito federal. Uma portaria normativa do Ministério da Educação (MEC), de maio de 2016, foi o único instrumento com diretrizes para o tema, mas foi revogada em 2020. Esse contexto reforça a importância de “celebrar ainda mais” a medida adotada pela UnB, reforça Antonádia Borges, diretora de Pós-Graduação da UnB à época da aprovação da normativa.

“A UnB não apenas foi a primeira a estender a política de ações afirmativas para todos os seus programas de pós-graduação, mas o fez de forma autônoma”, completa Antonádia Borges, hoje docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

EMPENHO CONTÍNUO

O docente Joaze Bernardino-Costa, presidente da Comissão de Acompanhamento da Política de Ações Afirmativas na Pós-Graduação, avalia que as cotas de 2003 já foram capazes de aumentar o número de alunos negros chegando ao mestrado e doutorado. Ele informa que, antes da Resolução nº 44/2020, 16 programas de pós-graduação já adotavam reserva de vagas de forma autônoma. O do Departamento de Sociologia foi o primeiro e, “logo na sequência, o [programa do] Departamento de Antropologia adotou ações afirmativas para negros, indígenas e quilombolas”, detalha o docente sobre os dois programas, avaliados com nota máxima pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Doutoranda em Sociologia, Vanessa Machado foi selecionada na primeira turma de reserva de vagas do programa, em 2014, quando se inscreveu no mestrado – momento em que as cotas na pós-graduação ainda eram iniciativas autônomas dos programas. “O fato de concorrer numa seleção com pessoas de trajetórias de vida semelhantes torna a seleção mais justa”, pondera.

Ela também chama atenção para a importância de a produção científica ser permeada pela diversidade: “A pós-graduação não é



Vanessa Machado ingressou na primeira turma com reservas de vagas no mestrado em Sociologia, em 2014. Hoje doutoranda, ela comemora a institucionalização da política em todos os programas de pós-graduação. Foto: André Gomes





Gabriella Carlos é técnica administrativa da UnB, membra das bancas de heteroidentificação e mestranda em Avaliação e Monitoramento de Políticas Públicas pela Escola Nacional de Administração Pública. Foto: André Gomes

um espaço que muitas pessoas alcançam. Pouquíssimos brasileiros chegam na pós, e menos ainda negros. Então, as cotas atuam também para possibilitar que mais negros acessem os espaços de privilégio e poder e produzam conhecimento a partir de suas vivências.”

Para evitar fraudes no ingresso, candidatos negros passam por entrevista com comissão de heteroidentificação. Os integrantes dessas bancas podem ser docentes, técnicos ou estudantes da UnB e, em cada composição, busca-se pessoas de origens, gêneros e fenótipos diferentes. Assim, há representatividade de entendimentos diversos do que é ser negro. Os candidatos são avaliados fenotipicamente.

“É importante termos essa forma de avaliação justamente para responder questões da sociedade e de movimentos negros, que identificaram a presença de não negros ocupando essas vagas. Mostra que a Universidade está preocupada em ocupá-las da maneira certa”, afirma Gabriella Carlos, assistente em administração do Departamento de Sociologia e membra das bancas de heteroidentificação.

A identificação difere do que estava implantado nos primeiros anos de cotas de graduação, quando os critérios eram checados a partir de fotos. Participam de três a cinco entrevistadores encarregados de confirmar a autodeclaração. “Os participantes da banca são escolhidos entre as pessoas que participaram do curso de formação. Eles ficam atentos às características fenotípicas e podem ser convidados a falar sobre sua experiência como negros”, acrescenta Gabriella.

Em fevereiro de 2022, o Cepe aprovou a criação do Comitê Permanente de Políticas de Ação Afirmativa (Copeaa), que entre suas atribuições será responsável pelas bancas de heteroidentificação na graduação e pós-graduação. A norma resulta de longo e coletivo trabalho em prol da segurança jurídica e de que a política de ação afirmativa não sofra desvios de finalidade.

O Copeaa vem para fortalecer o acompanhamento das políticas afirmativas. Em 2017, a instituição recebeu denúncias de fraude da política de ação afirmativa por cem estudantes. Após investigação, mais um caso foi acrescentado à lista. A apreciação definitiva pelo Conselho Universitário expulsou quinze alunos, cassou o diploma de dois egressos e anulou os créditos de oito estudantes que estavam afastados da Universidade por outros motivos.

Supremo Tribunal Federal reconhece constitucionalidade das cotas raciais

Metade das vagas de graduação da UnB são reservadas ao PAS. O número de ingressantes pelo processo seletivo salta de 964, em 1999, para 3.124 em 2020

UnB institui o Comitê Permanente de Políticas de Ação de Afirmativa (Copeaa), que atuará para fortalecer as medidas afirmativas e para evitar fraudes em vestibulares e outras seleções

2012

2012

2017

2020

2022

Lei nº 12.711/2012 reserva 50% das vagas de graduação para estudantes de escolas públicas, com metade da cota destinada ao público de baixa-renda e observando recortes raciais

Aprovada política de ação afirmativa para ingresso na pós-graduação. Medida reserva, no mínimo, 20% das vagas para negros e cria vaga adicional para indígenas e quilombolas nos cursos de mestrado e doutorado

INOVAÇÃO NO PROCESSO SELETIVO



Pioneiro no país, Programa de Avaliação Seriada (PAS) foi aprovado em 1995. Modalidade de ingresso permite que estudantes façam provas por etapas, ao final de cada ano do ensino médio. Foto: Beto Monteiro

A cada novo semestre, a UnB aguça a expectativa de estudantes de ensino médio que almejam as vagas oferecidas. De olho nesse movimento, a Universidade de Brasília apostou no Programa de Avaliação Seriada, o PAS, como alternativa de ingresso. A sigla homófona à palavra que define pacificidade pode ter sido coincidência, mas descreve um forte atributo do processo seletivo que busca reduzir os impactos da passagem dos estudantes para o ensino superior.

De forma gradual e sistemática, os estudantes são avaliados ao longo do ensino médio: o exame começa no final do primeiro ano e termina no terceiro ano, em provas com peso crescente a cada etapa. A avaliação seriada contribui para que os estudantes se interessem mais por sua trajetória até o ensino superior, e não apenas no ano do vestibular.

Um dos criadores do programa e professor licenciado do Departamento de Matemática da UnB, Mauro Rabelo explica que, enquanto o vestibular se aproxima de um modelo somativo [acumula o conhecimento de três anos em uma única prova], "o PAS vem com uma concepção de processo", em consonância à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). "Por ser uma avaliação de processo, acho que ela captura alunos que são mais dedicados, que não se dedicam apenas às vésperas do exame, mas que fazem isso ao longo de seu processo formativo", acredita o hoje chefe da Secretaria de Educação Básica do MEC.

GÊNESE

Os primórdios do PAS remontam a 1995, quando o Cepe aprovou o programa como alternativa de acesso para a graduação. A primeira prova foi aplicada no ano seguinte, em 1996, para estudantes que, após o somatório das notas de etapas realizadas ao fim de cada uma das três séries do ensino médio, se classificariam nas vagas para entrar na UnB em 1999.

Na primeira turma de interessantes estava Indiara Goes, aprovada no curso de História, logo ao sair do ensino médio. "Fui estudando as matérias específicas de cada ano. Foquei em estudar o que sabia mais: a área de humanas. Foi fácil nesse sentido, de pegar as matérias ainda frescas e fazer a prova sobre elas." Ela relembra que os professores "destacavam conteúdos que poderiam ser mais cobrados na prova", contribuindo para valorizar as matérias dadas em sala de aula.

Essa interação entre escolas e Universidade reflete o que visava o falecido professor emérito e ex-reitor da UnB Lauro Morhy. Ele concluiu ser necessário um processo que pudesse influenciar positivamente o ensino médio e que não o colocasse a reboque do tradicional vestibular. E foi quando atuou como diretor-geral do Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da UnB (Cespe), que propôs um novo sistema de seleção, posteriormente denominado Programa de Avaliação Seriada (PAS).



Aprovada para o curso de História pela primeira turma do Programa de Avaliação Seriada, em 1999, Indira Goes hoje é analista de acervo e pesquisa na Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). Foto: André Gomes

A ponte entre escolas e UnB foi viabilizada pela parceria com professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal, com apoio do ex-reitor da UnB Cristovam Buarque, à época governador do DF. Criaram-se comitês com docentes por disciplinas, que se agrupavam por áreas de conhecimento, responsáveis por discutir o que deveria ser avaliado em cada etapa. Já a criação dos Fóruns Permanentes de Professores foi responsável pela oferta de 15 cursos de aperfeiçoamento para professores, ampliando-se para 33, em 1997, e para 71, em 1998.

“Em muitos momentos, a gente dizia que existia entre a Universidade e a rede de ensino um abismo. A Universidade não conversava com a rede de ensino médio em relação às formas de acesso. E o PAS construiu essa ponte”, aponta Mauro Rabelo.

Ricardo Gauche, docente do Instituto de Química da UnB, foi um dos responsáveis por estabelecer essa conexão. “Fui convidado a compor a equipe de trabalho que coordenaria a elaboração dos então denominados ‘conteúdos programáticos’ do Subprograma de 1996. Presidi o Comitê de Química, composto por professores de escolas públicas e privadas de ensino médio, que elaborou a proposta do que seria utilizado pela UnB para elaborar as provas do primeiro Subprograma”, lembra o docente, que também colaborou na elaboração dos Princípios orientadores do PAS.

Diretora de Inovação e Estratégias para o Ensino de Graduação do Decanato de Ensino de Graduação (Dieg/DEG), Symone

Jardim destaca o ineditismo em delegar aos professores de ensino médio a tarefa de selecionar o que seria avaliado para o ingresso no ensino superior. “Desse modo, docentes de diversas escolas do ensino médio do DF e Entorno começaram a participar voluntariamente de reuniões regulares para trabalhar na seleção de conteúdos relevantes para a formação dos jovens, futuros cidadãos de um mundo em constante processo de mudança.”

Mauro Rabelo acrescenta que “o PAS estabeleceu essa maneira de trazer para dentro da Universidade os professores que atuavam no chão da escola”. Para ele, “já que é inegável que o vestibular influencia o currículo das escolas, fizemos com que essa influência fosse positiva”.

Para Ricardo Gauche, por meio do PAS, a UnB primou por ressaltar o verdadeiro papel do ensino básico no sistema educacional. “Papel que implica valorizar a função do educador no processo ensino-aprendizagem, no que este tem de mais amplo, e viabilizar que tal processo se dê em bases consistentes em termos de conceitos trabalhados, dentro dos contextos psicopedagógico e social, dando prioridade à preparação para o exercício da cidadania”, defende.

EXPANSÃO

O modelo de avaliação seriada “reverberou e outras universidades acabaram adotando processos similares”, comenta Mauro Rabelo. Ele cita como exemplo as Universidades Federais de Uberlândia (UFU) e de Santa Maria (UFSM), que fizeram contato com a UnB em busca de informações para desenvolverem seus próprios programas.

Para manter seu êxito, o PAS segue em aprimoramento. Em 1998, foi instalada a Comissão Especial de Acompanhamento, cujo propósito é o aperfeiçoamento contínuo do Programa e a elaboração de suas orientações.

Em 2001 e em 2006, novos ajustes foram consolidados. “Houve a criação da Matriz de Habilidades, Competências e Objetos do Conhecimento; utilização de itens dos tipos A, B, C e D; inclusão de Filosofia e Sociologia nos objetos de conhecimento e avaliação das três componentes de Artes, sem opção”, detalha Eloisa Pilati, diretora de Planejamento e Acompanhamento Pedagógico das Licenciaturas (Dapli) do DEG.

O ano de 2017 se constituiu como marco: metade das vagas de graduação disponíveis na Universidade de Brasília passaram a ser destinadas a esse processo seletivo. Enquanto o primeiro Subprograma possibilitou, em 1999, o ingresso de 964 alunos de acordo com Anuário Estatístico da época; em 2020, 3.124 novos acadêmicos ingressaram pelo PAS, segundo dados do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa).

Para os próximos anos, uma comissão propõe reformulações e analisa a necessidade de modificar o Programa, diante do contexto do novo ensino médio – instituído pela Lei nº 13.415/2017. “Essa Comissão é presidida pelo decano de Ensino de Graduação e conta com representantes da UnB, da Secretaria de Estado de Educação do DF e das escolas particulares”, detalha Eloisa Pilati.

O PAS experimenta transformações, mas sua marca deve continuar sendo a da interdisciplinaridade, da valorização da formação humana, e do pensamento crítico e criativo.

Ensino, pesquisa e extensão: NÚMEROS DA ÚLTIMA DÉCADA

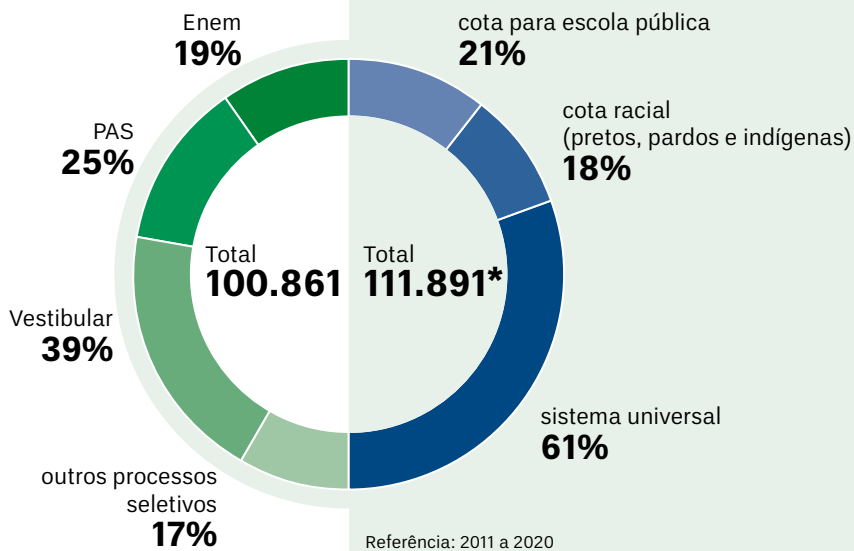
Texto **Bruna Ferreira, Giulia Soares e Serena Veloso**
Infográficos **Francisco George Lopes**

No ensino, formar cidadãos qualificados profissionalmente e comprometidos com valores humanos, éticos e democráticos. Na pesquisa, propor soluções científicas e criativas aos desafios da sociedade. Na extensão, valorizar práticas que promovam a interlocução entre os saberes acadêmicos e as vivências cotidianas.

Na última década, a UnB ampliou seu protagonismo nessas três áreas, com impactos no dia a dia da população. A revista *Darcy* apresenta um panorama estatístico do período de 2011 a 2020, materializando em números os principais avanços que a instituição sexagenária deixa como herança. Um legado de excelência, inclusão e transformação científica, social e cultural.

Formas de ingresso

Ingressantes por sistemas de vagas

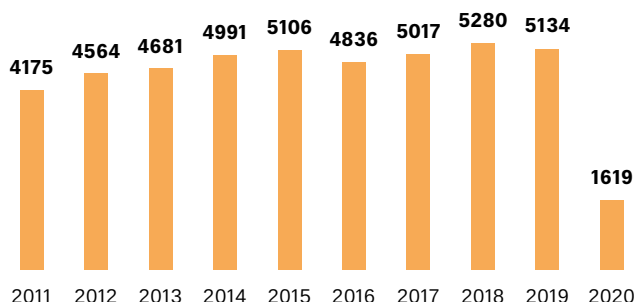


**DE 2011 A 2020,
MAIS DE
100 MIL**
PESSOAS ENTRARAM
NA UnB
POR MEIO DE SEUS DIFERENTES
PROCESSOS SELETIVOS

*Os vários sistemas de cotas da UnB se sobrepõem. Assim, o mesmo aluno pode ser contabilizado em mais de uma modalidade

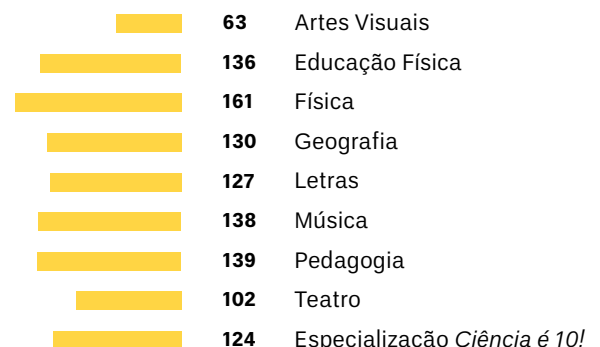
OFERTA CURRICULAR

Em dez anos, a UnB elevou o número de componentes curriculares ofertados para a graduação. Se comparados 2011 e 2019, o acréscimo foi de quase 23%. A queda no último ano ocorreu pela migração do sistema de gestão acadêmica e pela suspensão do calendário acadêmico devido à pandemia de covid-19



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Atualmente, a oferta EaD reúne oito licenciaturas e uma especialização *lato sensu*. Os cursos têm apoio de polos presenciais em 52 municípios e no Distrito Federal. Ao todo, são **1.120 alunos matriculados**



Referência: 2021

Fonte: Centro de Educação a distância (Cead/UnB)

ENSINO

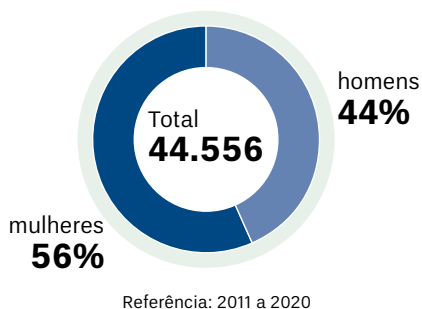
GRADUAÇÃO

A UnB conta com 147 cursos de graduação ativos*, em todas as áreas do conhecimento nos *campi* Darcy Ribeiro (Asa Norte), Ceilândia, Gama e Planaltina

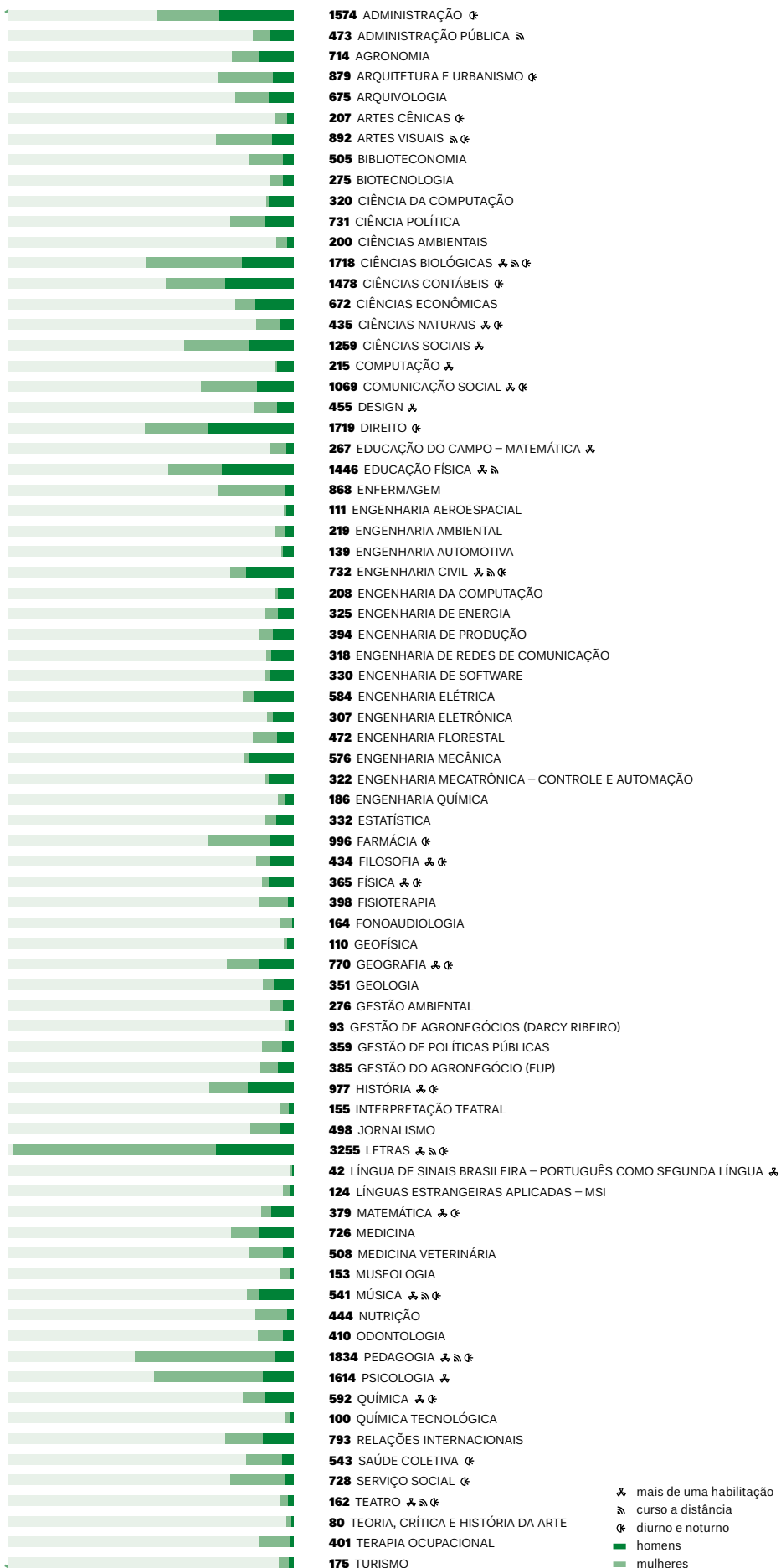
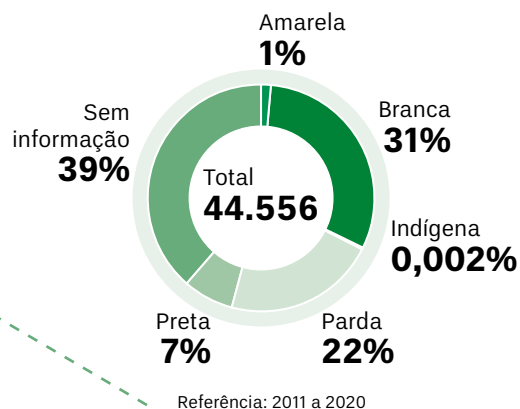
FORMADOS

Com formação interdisciplinar e humanística, a UnB qualificou cerca de **45 mil profissionais**** em uma década

Divisão por sexo



Divisão por raça



☒ mais de uma habilitação
 ☒ curso a distância
 ☒ diurno e noturno
 ☒ homens
 ☒ mulheres

* Informações sistematizadas pelos decanatos de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO) e de Ensino de Graduação (DEG). Dados extraídos do Sistema de Graduação (Sigra), do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa) e do Anuário Estatístico da UnB

** De acordo com o gráfico à direita

PESQUISA

A ciência e a tecnologia geradas nas salas de aula e nos laboratórios se transformam em desenvolvimento regional e também em justiça social. Com os investimentos em pesquisa*, a UnB fortaleceu sua produção especializada e ampliou sua infraestrutura de ciência e inovação

INGRESSOS NA PÓS-GRADUAÇÃO

24.646

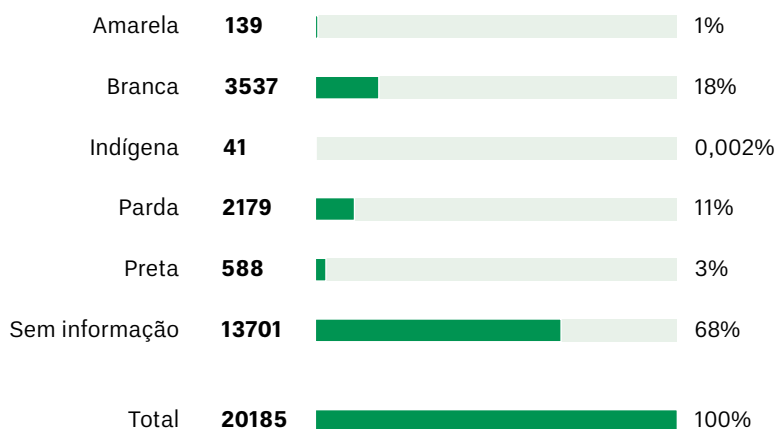
pessoas iniciaram cursos de especialização, mestrado ou doutorado

52,1% mulheres

47,9% homens

Referência: 2011 a 2020

Pós-graduados* (divisão por raça)



*Residência, mestrado e doutorado
Referência: 2011 a 2020

Egressos da pós-graduação

Mestrado



Doutorado

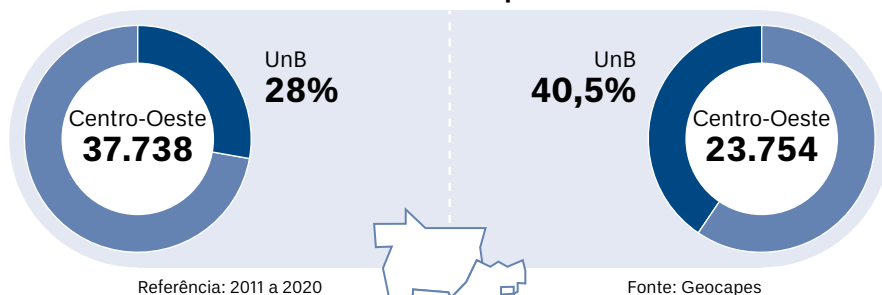


Referência: 2011 a 2020

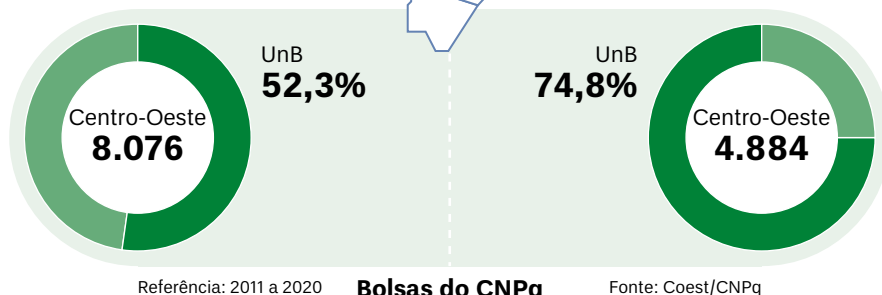
MESTRADO

DOCTORADO

Bolsas da Capes



Bolsas do CNPq



BOLSAS DE PESQUISA

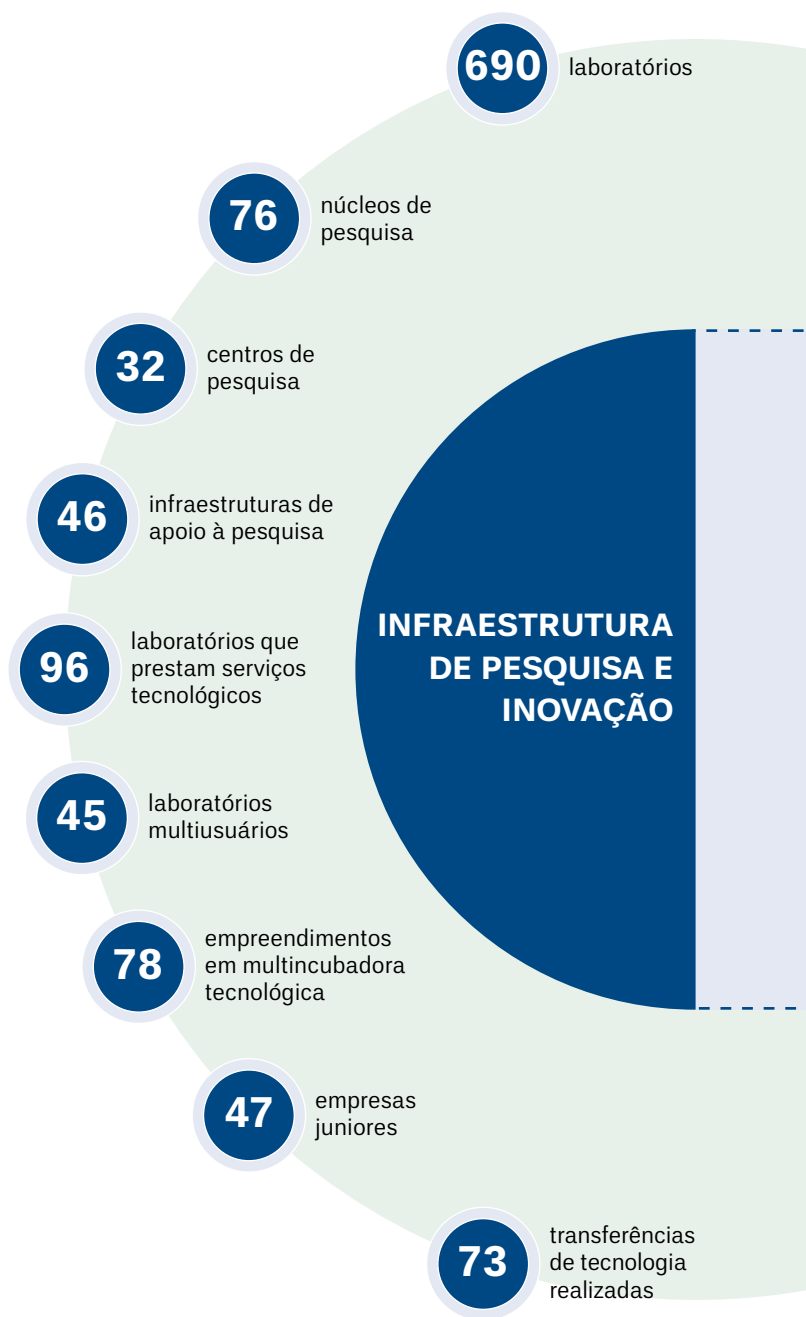
Em dez anos, a UnB foi a instituição do Centro-Oeste com o maior número de bolsas de pós-graduação concedidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

*Fonte: Decanato de Pós-Graduação (DPG) / Decanato de Pesquisa e Inovação (DPI) / Anuário Estatístico da UnB

A pesquisa na UnB hoje...

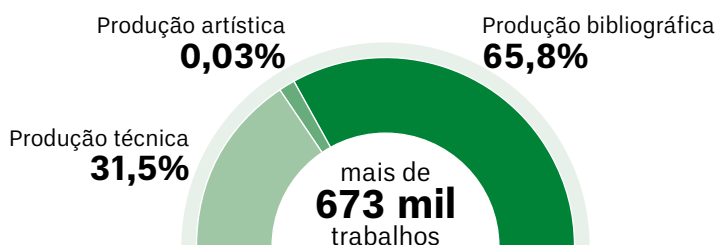


Referência: 2021



Referência: 2021

Produção intelectual

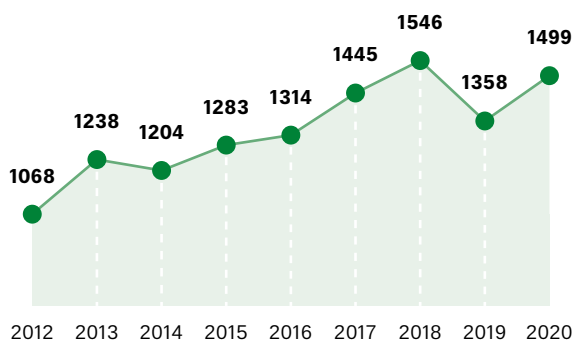


Referência: 2011 a 2019

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

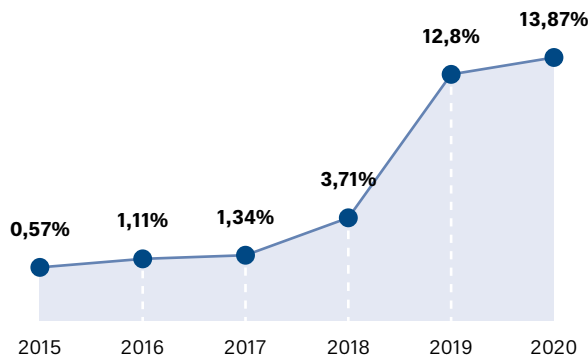
21.497 discentes e **9.600** docentes participaram do Programa de Iniciação Científica (ProIC) de 2012 a 2021

Quantitativo de projetos do ProIC por ano



Fonte: ProIC/DGP e Sistema Coleta da Capes

Egressos da iniciação científica na pós-graduação

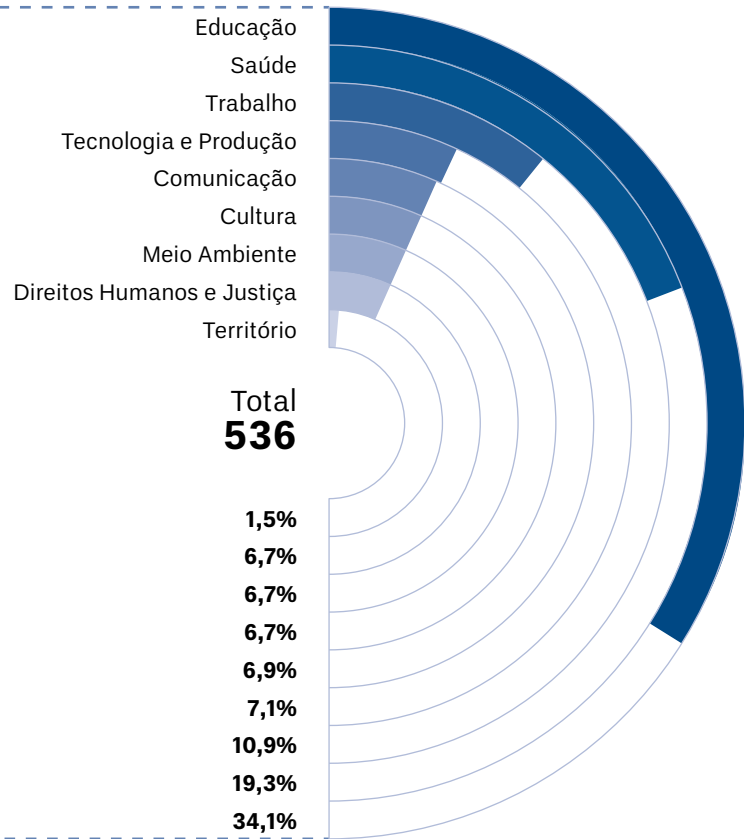


Fonte: ProIC/DGP e Sistema Coleta da Capes

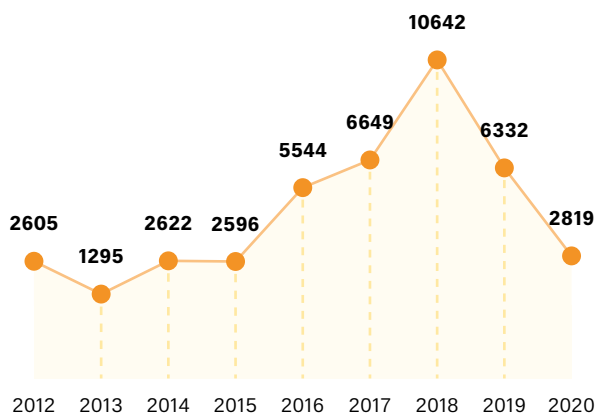
EXTENSÃO

Ao mobilizar o ensino e a pesquisa para além dos espaços universitários, a extensão estabelece pontes de intercâmbio entre os saberes científicos e populares. Na UnB, as iniciativas extensionistas* contemplam todos os cursos de graduação em diferentes temáticas, como saúde, educação, comunicação e tecnologia

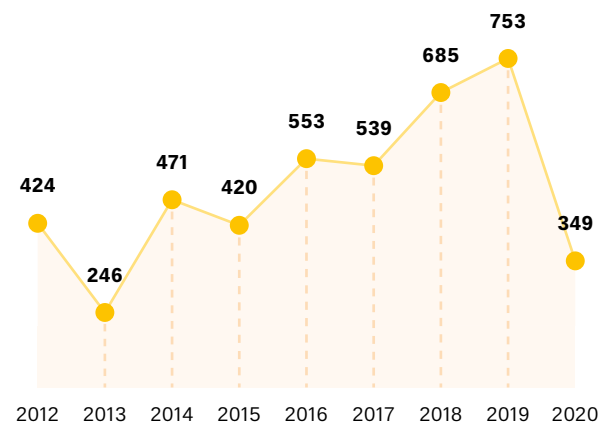
Projetos de extensão por área temática



Participação discente em projetos de extensão



Participação docente em projetos de extensão

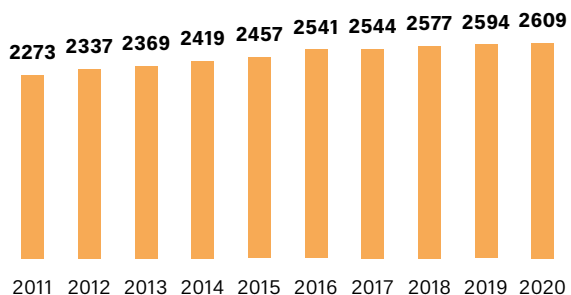


*Fonte: Decanato de Extensão (DEX)

RECURSOS HUMANOS

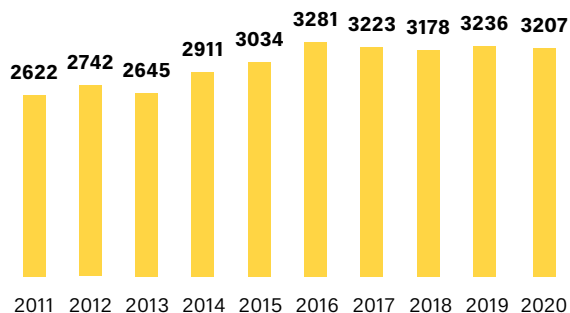
Técnicos e docentes da UnB oferecem suporte qualificado às necessidades da comunidade universitária e direcionam as práticas acadêmicas com excelência. De 2011 a 2020, a quantidade geral de servidores cresceu de 4.586 contratados para 5.816

Quantitativo de docentes aumentou em 14,78%

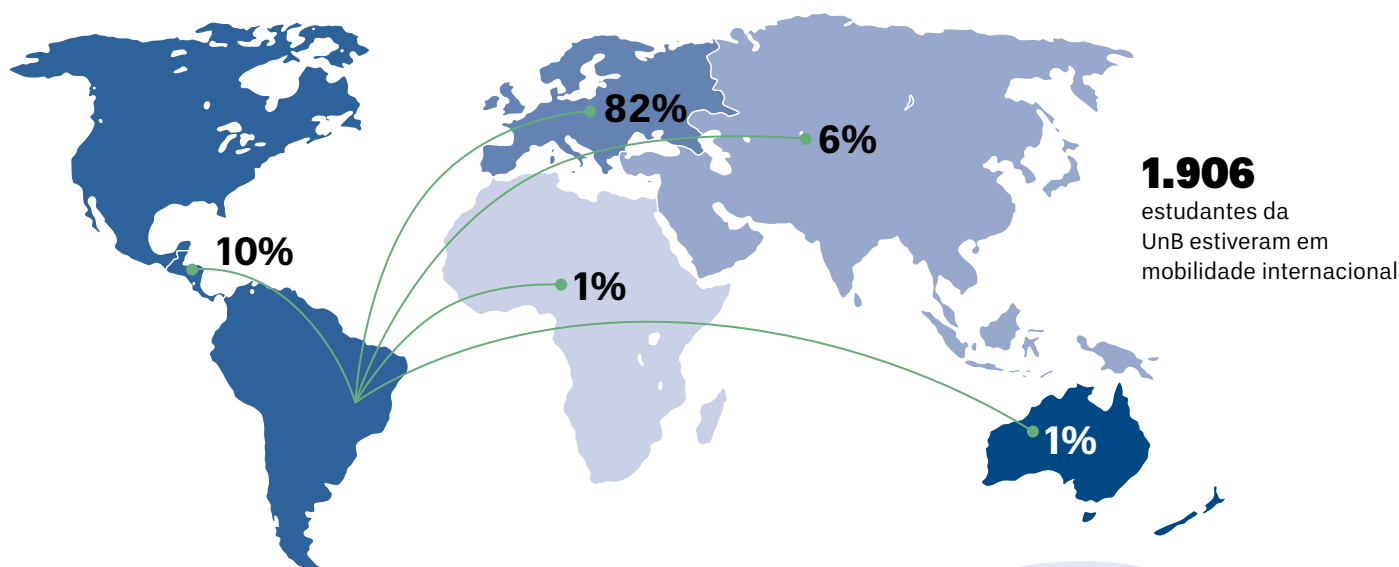


Referência: 2011 a 2020
Fonte: DW Siape (Sistema Integrado de Administração de Pessoal)

Entre os técnicos, o crescimento foi de 22,31%

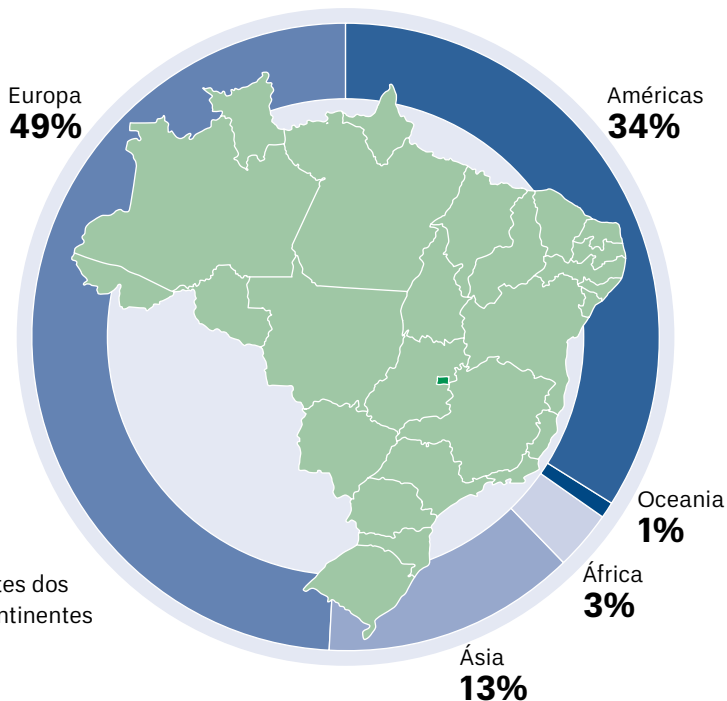


Referência: 2011 a 2020



INTERNACIONALIZAÇÃO

A UnB possui parcerias de cooperação acadêmica e mobilidade com universidades em todos os continentes. Acordos, programas e outros processos de admissão também atraem estudantes do exterior para a Universidade



Fonte: Secretaria de Assuntos Internacionais (INT)

Memória UnB:

60 ANOS DE PROTAGONISMO

Texto **Tháise Torres**

Ilustrações **Francisco George Lopes**

Seis décadas de um percurso que une desenvolvimento científico, excelência no ensino, vanguarda social e luta democrática. A UnB celebra mais um ano de existência reafirmando seu compromisso com a valorização da educação, da ciência, da cultura e da sociedade. A universidade necessária, na visão do antropólogo Darcy Ribeiro, pauta-se pelo

desenvolvimento e pela integração. Aplica saberes científico, humanístico e tecnológico para qualificar pessoas, mas também em favor da autonomia e da transformação social. As próximas páginas reúnem fatos marcantes da história desta sexagenária. Memória que informa, orienta, alcança e projeta o presente e o futuro da instituição.

1961
1982

15 DE DEZEMBRO DE 1961
Nasce a Universidade necessária

UnB é criada por meio da Lei nº 3.998/1961. Sancionada pelo presidente João Goulart, a norma institui a Fundação Universidade de Brasília, mantenedora da instituição.



Foto: ACE/UnB

21 de abril de 1962
INAUGURAÇÃO

Com a presença de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, a Universidade de Brasília é oficialmente inaugurada em cerimônia no auditório Dois Candangos, que só ficou pronto 20 minutos antes do evento. O nome do espaço homenageia os operários Xavier Gomes e Gedelmar Marques, mortos em desabamento durante a construção do local.

9 de abril de 1964
PRIMEIRA INVASÃO

Noves dias após o golpe militar no Brasil, declarado em 31 de março de 1964, policiais invadem o campus em busca de armas e materiais de propaganda considerados subversivos. O mandato do reitor Anísio Teixeira é cassado logo depois, e a ditadura nomeia o médico Zeferino Vaz para o cargo.

18 de outubro de 1965
DEMISSÃO COLETIVA

Em protesto contra a repressão vivida na Universidade durante o primeiro ano da ditadura militar, 223 professores e assistentes assinam pedido coletivo de demissão. A UnB perdeu quase 80% de seus docentes à época.



Foto: Correio Braziliense/Acervo

29 DE AGOSTO DE 1968

Repressão a estudantes

Quatrocentos universitários são detidos no campus. A violenta invasão foi retratada no documentário *Barra 68 – sem perder a ternura* (2001), do cineasta Vladimir Carvalho.

1970

FECHAMENTO DO CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO (CIEM)

A escola de ensino público e integral ligada à UnB encerra suas atividades após funcionar por seis anos em área hoje pertencente ao Hospital Universitário (HUB). Idealizado por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, o projeto pedagógico do Ciem "não era coerente com o momento político e sobreviveu apenas na fase mais branda da ditadura", relata Hélio Doyle, professor aposentado da UnB e ex-aluno do colégio.

SETEMBRO DE 1971

Inauguração do Centro Olímpico

O complexo abriga pistas de atletismo, campos de futebol, ginásio, parque aquático e quadras poliesportivas, de areia, de vôlei e de tênis. "Era um grande centro de lazer e, aos finais de semana, funcionava como clube. Nas décadas de 1980 e 1990, voltou-se para o desenvolvimento acadêmico e as atividades desportivas", lembra o professor emérito Iran Junqueira.

1975

ABERTURA DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

Projetado por José Galbinski, professor aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, o prédio central do RU possui 6.333 m², quatro andares, cozinhas, refeitórios, guarda-volumes e banheiros. Atualmente, existem outras unidades do restaurante na Fazenda Água Limpa (FAL), Faculdade UnB Ceilândia (FCE), Faculdade UnB Gama (FGA) e Faculdade UnB Planaltina (FUP).



Foto: Arilda Vilhena Valio/Acervo

1983 2002

1985 DEMOCRATIZAÇÃO

Com a retomada democrática, o então professor Cristovam Buarque é escolhido reitor pela comunidade e toma posse em 26 de julho. Um de seus primeiros atos é reincorporar aos quadros da UnB os docentes que participaram da demissão coletiva em 1965.

5 DE AGOSTO DE 1991 Visita de Nelson Mandela

O líder recebe o título de doutor *Honoris Causa* seis meses após ter sido liberado de prisão na África do Sul, na qual esteve detido por se opor ao regime de segregação racial da época. Posteriormente, Mandela ganhou o *Prêmio Nobel da Paz* (1993) e foi eleito o primeiro presidente pós-apartheid do país sul-africano (1994).



Foto: Joseana Paganine



Foto: Jeanina Daher

15 DE MARÇO DE 1995

Honoris Causa a Darcy Ribeiro

O antropólogo e idealizador da UnB volta à instituição para receber o mais importante título de honra concedido pela Universidade. A cerimônia no Teatro de Arena também marcou a ocasião em que o Campus Universitário da Asa Norte foi batizado com o nome de Darcy Ribeiro.

1995 PAS, O NOVO MODELO DE ACESSO

O Programa de Avaliação Seriada (PAS) é aprovado como alternativa ao vestibular tradicional. A modalidade reserva parte das vagas para o ingresso de estudantes que optam pela realização das provas em etapas, aplicadas ao final de cada ano do ensino médio. A proposta inovadora também aproxima a UnB das escolas ao incluir professores de educação básica do DF em comitês de seleção dos conteúdos avaliativos.

12 de junho de 2002 INAUGURAÇÃO DO CENTRO COMUNITÁRIO

O espaço para eventos de grande porte, como refeições de grau e cerimônias de recepção aos calouros, é inaugurado com a presença de Athos Bulcão, artista que dá nome ao centro.

2003
2012

6 DE JUNHO DE 2003

Ações afirmativas na graduação

A Universidade de Brasília torna-se a primeira instituição federal de ensino superior do país a adotar sistema de seleção com cota racial. Aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, o *Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Racial* previa reserva de 20% das vagas do vestibular para pessoas pardas e negras, além da disponibilização de vagas para indígenas. Em dez anos, o índice de estudantes pretos e pardos passou de 2% para mais de 27%, antes da adoção da nova política que também contemplou alunos de baixa renda oriundos de escolas públicas.



Foto: Beatriz Ferraz (2018)

Foto: Alexandra Martins



MARÇO DE 2006

Faculdade UnB Planaltina (FUP)

A UnB começa sua expansão física para outras regiões do Distrito Federal e realiza as primeiras provas para o campus em Planaltina, inaugurado oficialmente em 16 de maio. A seleção adotou política de inserção social para classificados que fizeram o ensino médio em escolas da região, acrescentando 20% à nota das provas objetivas destes candidatos.

Abril de 2011

FACULDADE UnB GAMA (FGA)

Com prédio próprio oficialmente inaugurado em 2011, as aulas das primeiras turmas da Faculdade do Gama começaram no ano de 2008. A construção do novo campus integrou o programa federal de expansão das universidades públicas. Hoje, a FGA oferta cinco graduações na área de Engenharia e quatro cursos de pós-graduação.

Abril de 2008

ESTUDANTES OCUPAM REITORIA

Alunos instalam-se no Salão de Atos da Reitoria para pedir a saída do reitor Timothy Mulholland. O estopim para a ocupação envolveu o uso de recursos públicos para a compra de móveis e realização de reforma no apartamento funcional do gestor. O ápice da mobilização reuniu 1,6 mil estudantes em assembleia. Mulholland renunciou e, em 2015, foi demitido do cargo de docente. Na Justiça, ele teve absolvição de um dos casos relacionados ao período de sua gestão, mas outros processos seguem em tramitação. Atendendo ao movimento estudantil, a consulta à comunidade para a escolha do novo reitor previu peso igual para o voto de docentes, discentes e técnicos. Vence José Geraldo de Souza Júnior, e o sistema paritário, adotado pela instituição em outros momentos, permanece vigente desde então.

Julho de 2008

FACULDADE UnB CEILÂNDIA (FCE)

Toma posse a diretoria da Faculdade de Ceilândia, que teve seu prédio oficialmente inaugurado em agosto de 2008. A instalação concretizou-se após o Conselho Universitário (Consuni) aprovar, em 2007, a adesão da UnB ao Reuni, programa federal de apoio à reestruturação e à expansão das universidades públicas. Atualmente, a FCE abriga seis cursos de graduação na área de saúde, além de programas de pós-graduação.

Agosto de 2012

COMISSÃO ANÍSIO TEIXEIRA DE MEMÓRIA E VERDADE

O grupo investigou violações de direitos humanos e liberdades individuais ocorridas na ditadura militar. Professores e ex-alunos analisaram casos como o de Anísio Teixeira, reitor afastado (1964) da UnB e encontrado morto (1971) no fosso de um elevador no Rio de Janeiro. A Comissão também tratou dos desaparecimentos de Honestino Guimarães, Paulo de Tarso Celestino e Ieda Delgado, estudantes da Universidade mortos pelos militares. Em maio de 2015, relatório final trouxe evidências de aparelhamento da instituição de ensino para sustentar políticas repressivas da ditadura.

2013 2022

MARÇO DE 2014

Restaurante Universitário na FCE e na FGA

A inauguração de unidades do RU nos campi de Ceilândia e do Gama contribuiu para a permanência dos estudantes na UnB, garantindo alimentação balanceada com preço acessível à comunidade universitária.



Foto: Raquel Aviani

Agosto de 2015

PLANALTINA INAUGURA RU

Como nos outros campi, o Restaurante Universitário da FUP oferece gratuidade no café da manhã, almoço e jantar para alunos dos programas de assistência estudantil da UnB.

Maio de 2016

MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Entra em operação o Sistema Eletrônico de Informações, ferramenta para tramitação digital de documentos. A implementação dinamizou o fluxo de informações administrativas, ampliou a transparência dos processos e gerou economia para a instituição.



Foto: Beto Monteiro

AGOSTO DE 2016

A primeira reitora

A comunidade acadêmica vai às urnas e pela primeira vez escolhe a chapa encabeçada por uma mulher para ocupar o posto máximo da instituição. Márcia Abrahão e Enrique Huelva conquistaram 53,3% dos votos para os cargos de reitora e vice-reitor. Em 2020, os docentes foram reconduzidos para mais quatro anos de mandato.

Outubro de 2016

ESTUDANTES EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Organizados em movimento de abrangência nacional, estudantes ocupam prédios, como a reitoria, blocos de salas de aula e unidades no Instituto Central de Ciências (ICC) em protesto contra a Proposta de Emenda Constitucional nº 55/2016. A PEC tratava sobre a limitação de recursos para educação e saúde. A desocupação ocorreu em 14 de dezembro, após acordo com a administração superior da UnB. A nova emenda foi promulgada pelo Congresso Nacional no dia 15.

Novembro de 2017

USO DO NOME SOCIAL

Decisão unânime do Conselho de Administração (CAD) aprova a Resolução 54/2017, que assegura o respeito ao uso do nome escolhido por travestis e transexuais.

Agosto de 2018

DIPLOMAS DIGITAIS

A iniciativa pioneira entre as universidades federais implementou a emissão exclusivamente digital dos diplomas de graduação e pós-graduação. O novo formato com assinatura digital garante autenticidade e validade jurídica do documento, além de gerar economia com custos de impressão e reduzir o consumo de papel.

Foto: Beto Monteiro



OUTUBRO DE 2019

Política de Acessibilidade

Construído junto à comunidade acadêmica, o documento que reúne diretrizes para a prestação de serviços às pessoas com deficiência é aprovado pelo CAD. No ano seguinte, é criada a Diretoria de Acessibilidade (Daces), cuja missão é articular unidades para promover inclusão. Antes, existiram o Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais (PPNE), efetivado em 1999, e a Coordenação de Apoio às Pessoas com Deficiência, instituída em 2017.

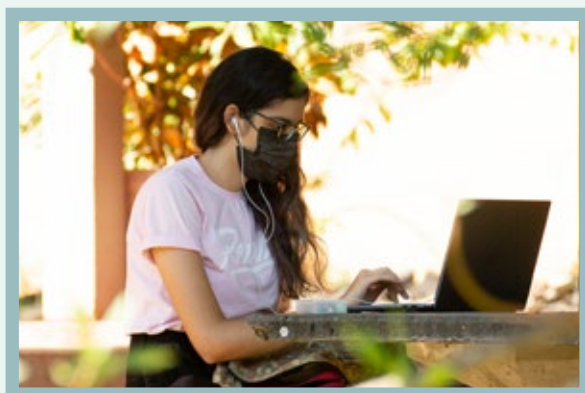


Foto: Raquel Aviani

MARÇO DE 2020

Pandemia de covid-19

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) suspende o calendário acadêmico em decorrência da crise sanitária causada pelo novo coronavírus. A decisão dura cinco meses e a UnB retoma às aulas em 17 de agosto, em seu primeiro semestre 100% remoto. Atividades administrativas, de pesquisa e de extensão seguiram a distância. Alunos em situação de vulnerabilidade social receberam auxílios de inclusão tecnológica para a compra de equipamentos e conexão à internet.

Maio de 2020

NOVA ETAPA DE MODERNIZAÇÃO

UnB implanta o Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas, o Sigaa. É o começo da transição do *Matricula Web*, utilizado para matrículas em disciplinas desde 1988, para a plataforma de gerenciamento da vida acadêmica. A ferramenta é parte do sistema unificado adotado pela UnB, que compartilha informações, evita a duplicação de dados e simplifica processos. Outros módulos já entraram em operação: administração e comunicação (SigAdmin), recursos humanos (SigRH) e administrativo (Sipac).

Foto: Beto Monteiro



JUNHO DE 2020

Cotas na pós-graduação

Resolução aprovada no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) institui política de ação afirmativa que reserva 20% das vagas dos editais de mestrado e doutorado para candidatos negros. Além disso, a medida exige ao menos uma vaga adicional para ingressantes indígenas e quilombolas.

Abril de 2021

POLÍTICA DE DIREITOS HUMANOS

A proposta prevê a instituição de ações transversais e medidas de prevenção às violações de direitos humanos na UnB. No mesmo ano, a Universidade instituiu a Câmara de Direitos Humanos, vinculada ao Consuni e responsável por propor, deliberar e avaliar as políticas sobre o tema.

Março de 2021

PUNIÇÃO A FRAUDES EM COTAS

Em decisão inédita, estudantes que fraudaram sistema de cotas para ingresso na UnB são penalizados. Apesar de a reserva de vagas existir desde 2004, o processo que resultou na punição teve início em 2017, quando a instituição recebeu denúncias de utilização indevida da política de ação afirmativa por cem estudantes. Após investigação, mais um caso foi acrescentado à lista. A apreciação definitiva pelo Conselho Universitário expulsou 15 alunos, cassou o diploma de dois egressos e anulou os créditos de oito estudantes que estavam afastados por outros motivos.

Foto: Conceptu Engenharia



NOVEMBRO DE 2021

Compromisso ambiental

Ao destinar 18 hectares de vegetação nativa da Fazenda Água Limpa como contrapartida ao desmatamento provocado pelas obras e construções dos campi, a UnB recebe atestado de compensação florestal. A conquista integra outras ações de sustentabilidade e uso racional de recursos, como a criação da Secretaria de Meio Ambiente da UnB (2019) e a inauguração de [parques de energia solar](#). Ao todo, o plano de obras da instituição prevê a instalação de 11 miniusinas, a maior planta de geração dessa fonte renovável entre as universidades federais brasileiras.



Foto: Anastácia Vaz

2022

Protagonismo científico na pandemia

Docentes, técnicos, alunos e pesquisadores exercem papel protagonista no Distrito Federal frente à crise sanitária causada pela covid-19. Mais de R\$ 30 milhões em recursos extras foram aplicados em portfólio com 172 iniciativas da UnB dedicadas ao combate à doença. O montante reúne investimentos próprios e arrecados em 2020 e 2021 por meio de emendas parlamentares e financiamentos de outras entidades. A exemplo das iniciativas fomentadas estão projetos de pesquisa e extensão, realização de testes clínicos e análises epidemiológicas, desenvolvimento de fármacos e aplicativos, investimento em materiais hospitalares e apoio a atividades de comunicação e educação junto a populações vulneráveis. As ações institucionais englobaram aperfeiçoamento de ferramentas de ensino e aprendizagem na modalidade remota e a instituição de comitês e fóruns para elaborar e implementar planos de contingência, protocolos de biossegurança e avaliações dos espaços físicos. A UnB também prestou serviços psicossociais à comunidade universitária e conduziu pesquisa social inédita sobre seus membros.



UnB EM AÇÃO
repositoriocovid19.unb.br



60 anos em segundos

A UnBTV homenageia a Universidade de Brasília com a série *60 anos em 60 segundos*. Egressos, professores eméritos e figuras públicas partilham depoimentos com memórias, marcos, acontecimentos históricos e visões de futuro acerca da instituição vanguardista.

Confira a seguir parte dessa produção especial!



Cristiane Sobral

Atriz, escritora, professora de teatro e mãe. É mestre e bacharel em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da UnB

No Departamento de Artes Cênicas, tive a oportunidade de aprender usar minha voz, meu corpo, minha expressão; de me colocar no mercado de trabalho profissionalmente e encontrar boas oportunidades; de fazer grandes amigos e de viver muitas emoções. Estar em cena pela primeira vez com o meu espetáculo *Uma boneca no lixo*, dentro da sala Saltimbancos [1998, Instituto de Artes], é algo que jamais vou esquecer, sendo dirigida pelo professor Hugo Rodas. Então, quero dedicar ao teatro e ao Departamento de Artes Cênicas a minha lembrança especial da UnB. Parabéns, UnB. Continue viva, forte e atuante. Transformadora nas nossas vidas!"



Fernanda Sobral

Professora emérita da UnB, pesquisadora e docente do Departamento de Sociologia

Eu não tenho um único fato marcante com a UnB. Eu tenho vários fatos que enriqueceram minha vida acadêmica. Primeiro, meus alunos de graduação. Era muito importante para mim ver suas expressões de descoberta, de interesse, quando eu estava dando aula. Depois minhas orientações na pós-graduação, nas quais talvez eu aprendi mais do que ensinei. Também os alunos de iniciação científica. Eles chegavam ainda muito crus nas pesquisas, nos trabalhos e logo depois estavam me dando sugestões. E, finalmente, quando fui diretora de Pesquisa: foi muito bom premiar excelentes teses de doutorado da UnB nas diferentes áreas de conhecimento."



Assista a todos os episódios no canal da UnBTV no YouTube



José Jorge de Carvalho

Docente no Departamento de Antropologia e um dos idealizadores da política de cotas raciais da UnB

O evento mais significativo de todos os meus anos na Universidade foi, de fato, a luta pelas cotas [raciais]. Se pensarmos o que era a Universidade de Brasília no ano de 1999, quando nós começamos a colocar a questão das cotas, e o que é hoje, é uma transformação extraordinária. Então, isso é algo que me marcou todo o tempo. Nós conseguimos ser a primeira universidade que aprovou as cotas na graduação, em 2003. Depois nós pautamos a discussão ainda em 2014 e somos, ainda hoje, a única universidade federal que mantém as cotas raciais plenas. Passamos [as cotas] para a pós-graduação e continuamos sendo uma referência nacional nessa discussão que transformou as universidades brasileiras.”

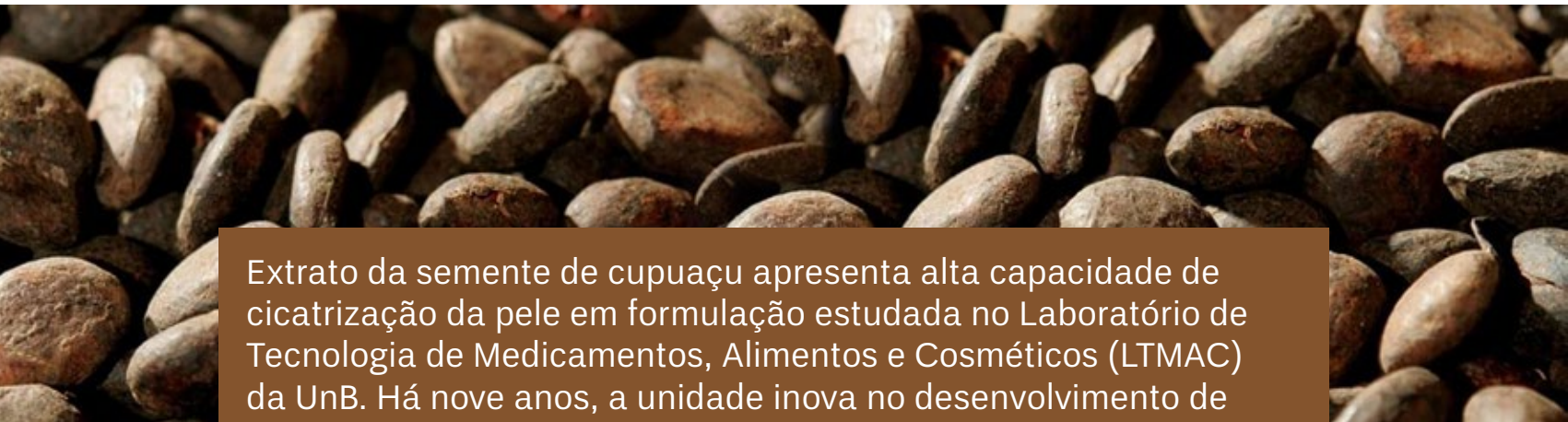


Sidarta Ribeiro

Neurocientista e fundador do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Biólogo pela Universidade de Brasília

Falar sobre a UnB nos seus 60 anos é um prazer, porque minha relação com a instituição é muito antiga. Desde criança, quando meus pais estudaram nela, eu passeava pelos corredores do "Minhocão" e me imaginava ali. Em 1989, entrei no curso de Biologia e estudei até 1993 nessa que, para mim, é uma das melhores universidades do país, uma das mais plurais, e que me permitiu abrir a cabeça e ter encontros excelentes tanto dentro da minha área de pesquisa e de atuação, quanto fora dela em muitas direções diferentes. Me lembro de fatos importantes. Lembro, por exemplo, do papel dos estudantes da UnB no início dos protestos que levaram à derrubada do então presidente Collor. E me lembro com muito carinho do primeiro *Festival Latino Americano de Arte e Cultura*, que foi um grande contato com essa identidade latino-americana que nós devemos abraçar. Parabéns, UnB. Axé.”

FRUTO REGENERADOR



Extrato da semente de cupuaçu apresenta alta capacidade de cicatrização da pele em formulação estudada no Laboratório de Tecnologia de Medicamentos, Alimentos e Cosméticos (LTMAC) da UnB. Há nove anos, a unidade inova no desenvolvimento de processos e produtos farmacêuticos

Texto **Marcela D'Alessandro**
Design **João Paulo Parker**

O sabor e o cheiro são singulares. Fruto típico da região Norte do Brasil, o cupuaçu é alimento marcante na culinária amazônica. Revestido por casca dura, sua polpa é rica em carboidratos, vitaminas A, B1, B2 e C, e sais minerais. Seus benefícios, no entanto, vão muito além dos nutritivos. Geralmente descartada pela indústria alimentícia, a semente do cupuaçu pode ser uma nova fonte de investimentos para outros dois ramos: o da farmacêutica e o da cosmética.

Estudos realizados no Laboratório de Tecnologia de Medicamentos, Alimentos e Cosméticos (LTMAC) da Faculdade de Ciências da Saúde verificaram que o extrato das sementes, que tem alta concentração de ácidos graxos, apresenta grande potencial de cicatrização da pele quando incorporado a um sistema nanoparticulado – um jeito de envolver as substâncias ativas em “bolinhas” bem pequenas que protegem as moléculas importantes.

Nos testes *in vitro*, feitos com células colhidas de um ser vivo e multiplicadas em laboratório, observou-se que nessa formulação foram ativados genes para produção de elastina, principal proteína que dá elasticidade à pele, e o extrato da semente apresentou capacidade de atuar na regeneração tecidual. Ou seja, os experimentos apontaram para o potencial cosmético de diminuir a aparência de cicatrizes.

“Os resultados foram muito satisfatórios”, declara Geisa Barbalho, doutoranda em Ciências Farmacêuticas no LTMAC e uma das autoras do artigo

Skin Regenerative Potential of Cupuaçu Seed Extract (Theobroma grandiflorum) (Potencial regeneração cutânea do extrato da semente de cupuaçu, na tradução livre para o português), recém-publicado na revista de alto impacto *Pharmaceutics*.

Geisa, que ingressou na UnB na graduação em Farmácia em 2011, estudou o tema durante o mestrado no mesmo laboratório, quando o objetivo era incorporar esse extrato a uma formulação que não fosse tóxica e pudesse ser aplicada na pele.

A solução encontrada foram nanocápsulas revestidas com quitosana, macromoléculas mucoadesivas que conseguem desestruturar o estrato córneo – camada mais externa da pele humana – e facilitar a passagem do fármaco nas outras camadas. “A mucoadesão também ajuda a manter a formulação por mais tempo em contato com a pele”, acrescenta a estudante.

Para serem utilizadas, as nanocápsulas poderiam ser incorporadas a formulações mais líquidas e aplicadas com spray para não precisar espalhar com a mão – útil no caso da pele queimada – ou ainda poderiam integrar formulação em gel.

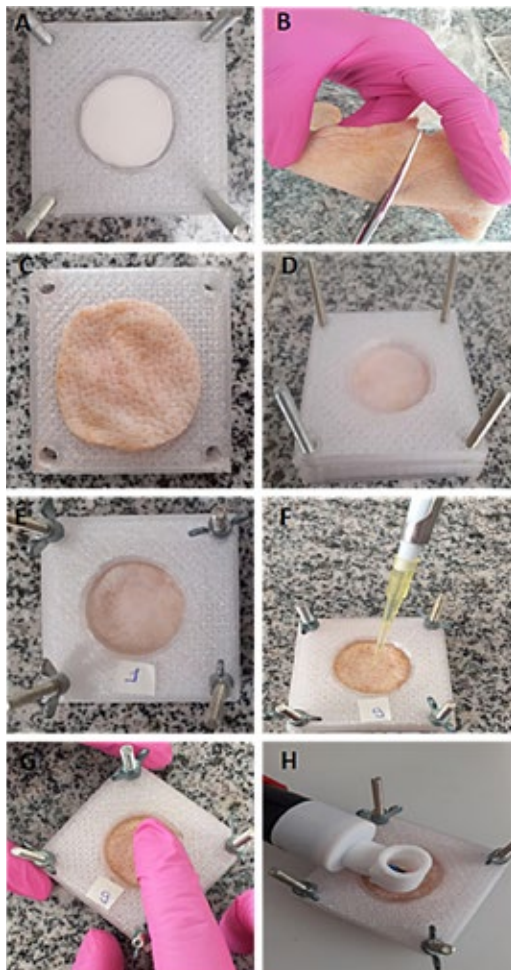
As pesquisas foram conduzidas pelos três docentes coordenadores do LTMAC, Taís Gratieri, Guilherme Gelfuso e Marcílio Cunha Filho, e por mais dois pesquisadores, além de Geisa Barbalho.

Todos constam como inventores no pedido de patente da *Composição nanoestruturada contendo extrato de sementes de cupuaçu (Theobroma grandiflorum)* e seu uso no tratamento tópico de queimaduras cutâneas.

Amenizar as cicatrizes oriundas de queimaduras não seria a única função observada dessas nanocápsulas. Segundo Taís Gratieri, professora do Departamento de Farmácia (FAR/UnB), coordenadora-fundadora do LTMAC e orientadora de Geisa desde a graduação, elas também demonstraram potencial para rejuvenescimento.

“É necessário ter estudo clínico para afirmar, mas os estudos *in vitro* sugerem que as nanocápsulas possuem esse potencial”, afirma a docente.

Mesmo com a patente de inovação, Taís Gratieri ressalta que o grande objetivo dos pesquisadores do LTMAC é avançar na área de conhecimento e entender, principalmente, os fatores que afetam o desempenho de formulações tópicas, e não necessariamente chegar à formulação final do produto a ser comercializado. Este é o papel e o propósito da indústria.



Preparo da amostra de pele que será usada no experimento *in vitro*. Foto: Geisa Barbalho/LTMAC

“Nosso objetivo é entender os processos que tornam as formulações eficazes. A indústria tem pressa, normalmente não há essa avaliação comparativa, análises estatísticas, não publicam um artigo a cada formulação, senão vão demorar a ir para os testes clínicos etapa subsequente aos testes *in vitro*] e a lançar o produto. Por outro lado, nós não fazemos testes clínicos. Então, as duas coisas se complementam”, ensina a professora.

Ela ressalta que após o registro da patente, pode haver interesse da indústria em desenvolver o produto em questão ou outros pesquisadores também podem se beneficiar dos conhecimentos descritos ali para desenvolver um medicamento novo.

VERSÁTIL

O grupo do Laboratório de Tecnologia de Medicamentos, Alimentos e Cosméticos da UnB atua em pelo menos quatro frentes: pesquisa, ensino, extensão e prestação de serviços. Esta última é voltada principalmente para as indústrias farmacêuticas, que procuram bastante para análise de estudos que verificam a permeação de substâncias na pele, além de treinamentos.

Em relação a ensino e pesquisa, em nove anos o LTMAC formou 27 mestres, 11 doutores e mais de 50 alunos de graduação. O trio de professores que fundaram e coordenam o espaço atualmente orienta outros 40 estudantes, considerando graduandos e pós-graduandos.

E, nesse período, o laboratório somou 12 pedidos de patentes e cerca de 180 artigos publicados nacional e internacionalmente.

Quem vê esses números provavelmente não imagina que, até três anos atrás, o LTMAC não possuía instalações definitivas. Até 2017, os experimentos eram realizados em salas diversas com equipamentos emprestados, e naquele ano passou a funcionar em uma sala de aula da Faculdade de Ciências da Saúde (FS) compartilhada com um docente de outra área.

“Os primeiros alunos que orientei na UnB carregavam os reagentes e as pipetas numa bandeja de um lugar para outro. Cada dia faziam experimento em um lugar. Era muito cansativo e, sem dúvida, pouco produtivo. Mas foi o jeito que encontramos”, relembra Taís Gratieri.

O laboratório ganhou sua atual infraestrutura apenas em 2019, ao ser abrigado na Unidade de Laboratórios de Ensino de Graduação (Uleg) da FS, no campus Darcy Ribeiro. Só aí foi possível instalar todos os equipamentos que ainda não haviam sido acomodados na sala anterior.



RECONHECIMENTO

As pesquisas dos docentes do LTMAC têm lhes rendido reconhecimento internacional. Taís Gratieri e Guilherme Gelfuso figuram na lista dos 10 mil pesquisadores mais influentes da América Latina, conforme o ranking internacional *Alper-Doger (AD) Scientific Index*, publicado em outubro de 2021. Em dezembro do mesmo ano, Taís foi eleita membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e, em 2013, foi agraciada com o *Prêmio para Mulheres na Ciência*, da L'Oréal, em parceria com a Unesco e a ABC.

O LTMAC também já recebeu diversas menções honrosas e prêmios pelos trabalhos desenvolvidos, com destaque para o *Prêmio UnB de Dissertação e Tese de 2015*, que condecorou o egresso Fernando Pires de Sá com o título de Melhor Dissertação em Ciências Farmacêuticas, e o *Prêmio Capes de Tese 2021*, área Medicina II, que laureou a pesquisadora egressa Maíra Nunes Pereira.

O docente Guilherme Gelfuso, orientador do trabalho agraciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal (Capes), pontua que esse estudo, dedicado ao tratamento tópico da hidradenite supurativa, uma doença de pele crônica inflamatória, contou com colaboração externa e já está

protegido pelo processo de patente perante o Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

Ele ressalta que o LTMAC tem colaboração constante de vários pesquisadores de outros laboratórios da própria UnB, assim como de outras universidades nacionais e internacionais.

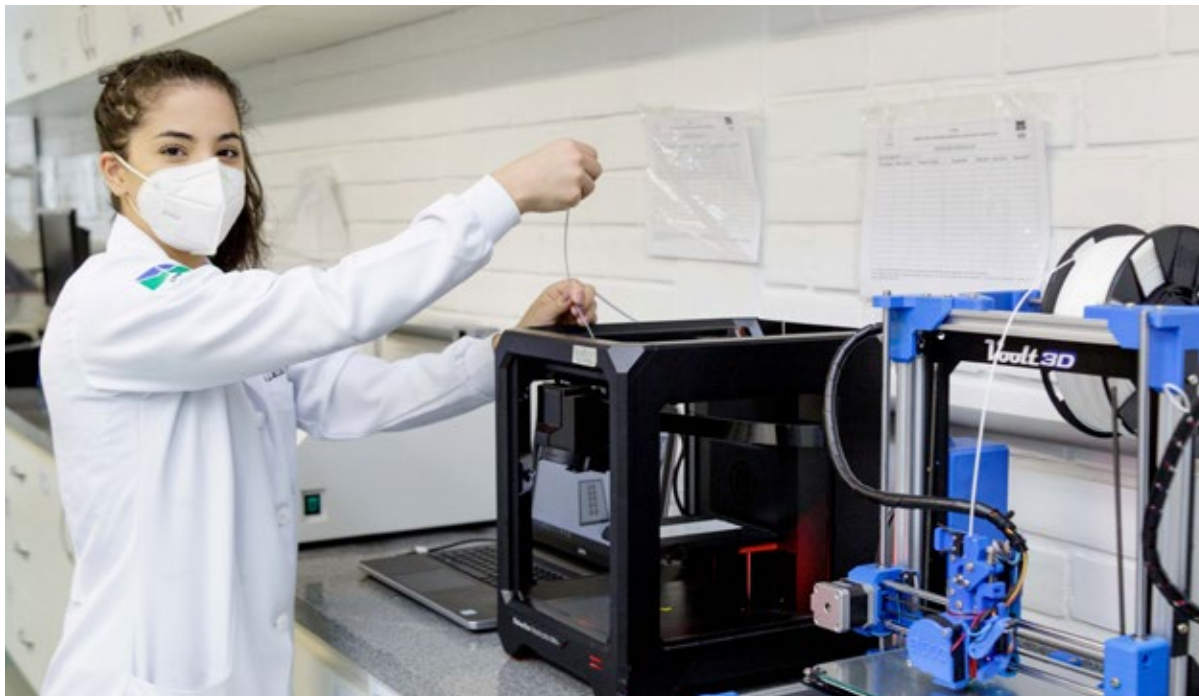
“Certamente enriquecem demais o trabalho realizado por nós. Nosso grupo tenta ser bastante criterioso, os coordenadores do laboratório se reúnem constantemente com os alunos para sempre qualificarem sua pesquisa com opiniões conjuntas. As premiações são apenas consequência desse grande trabalho que tentamos fazer para obter boas pesquisas e formar bem os alunos de graduação e pós-graduação”, avalia.

INVESTIMENTO

A graduanda do curso de Farmácia Ana Luiza Lima do Nascimento, orientanda do professor Marclio Cunha Filho, é exemplo desse compromisso com a formação de recursos humanos. Com bom desempenho acadêmico ao longo do curso, ela se prepara para dar um salto direto para o doutorado no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Nanociência e Nanobiotecnologia da UnB – neste caso, o mestrado não é pré-requisito para concorrer.



Em nove anos, 27 mestres, 11 doutores e mais de 50 alunos de graduação passaram pelo LTMAC. Acima (esq. para dir.): professor Guilherme Gelfuso, graduanda Ana Luiza Nascimento, doutoranda Geisa Barbalho e professora Taís Gratieri. Foto: Anastácia Vaz



Impressora de medicamentos 3D: técnica nova no ramo farmacêutico permite a total personalização de um remédio. Foto: Anastácia Vaz

Aos 23 anos, ela acumula experiências na Universidade como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Pibiti) e do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Todas as atuações ocorreram por meio do Laboratório de Tecnologia de Medicamentos, Alimentos e Cosméticos. “Eu amo a área acadêmica e de pesquisa! Então, pretendo seguir, sim, como pesquisadora”, afirma a estudante.

No LTMAC, ela trabalha com a linha de impressão de medicamentos 3D. Considerada de baixo custo, é uma técnica nova na área farmacêutica e que permite a total personalização de um remédio: é possível determinar tamanho, formato, dimensões, quantidades de princípio ativo utilizadas e maneira com que ele deve ser liberado quando em contato com o paciente.

“É uma técnica que apresenta inúmeros benefícios para o ramo farmacêutico, apesar de não ter sido desenvolvida para isso”, explica Ana Luiza.

“É possível controlar a liberação do princípio ativo e produzir um medicamento com vários ativos juntos, coisas complicadas a partir de técnicas convencionais de produção.”

Dentro do laboratório, os dispositivos farmacêuticos primeiro são desenhados no computador para depois serem enviados para a impressora.

Também é construído um filamento com princípio ativo e todos os ingredientes funcionais necessários, que será derretido pela máquina no processo de modelagem por fusão e deposição. O bico responsável pela extrusão (expulsão) desse material se movimenta

e deposita camada por camada o material derretido até que o objeto tridimensional ganhe forma.

“Estamos acostumados com cápsulas, comprimidos, cremes, emulsões, soluções orais, mas os dispositivos seriam formas diferentes de administrar um medicamento. A partir da técnica 3D, nós conseguimos inseri-lo em absolutamente qualquer objeto, já que estamos construindo, imprimindo”, explica a graduanda.

EXTENSÃO

Ana Luiza também integra a iniciativa *Covid – Colaboração pela Vida*, projeto de extensão coordenado pela professora Livia Barreto, dos Laboratórios Multidisciplinares de Tecnologias e Controle Microbiológico (Labtec) da Faculdade UnB Ceilândia, em colaboração com o LTMAC.

Nela, os estudantes auxiliam no desenvolvimento de produtos saneantes a serem distribuídos entre comunidades de rua, asilos e orfanatos do Distrito Federal para ajudar a evitar o contágio da covid-19.

Outra iniciativa recém-aprovada é a criação do podcast *Fartec real*, em que a professora Taís Gratieri coloca estudantes de graduação em contato com profissionais do mercado em conversas descontraídas sobre suas áreas de atuação.

“Vou pegar exemplos de produtos conhecidos e os farmacêuticos que estavam à frente para, em 20 minutos, falarem um pouco sobre o projeto, as dificuldades encontradas, como foi a carreira, o que um farmacêutico precisa saber. É para inspirar os alunos e eles terem uma ideia dos possíveis campos de atuação”, esclarece a docente.

(RE)PENSANDO O ENSINO BILÍNGUE PARA SURDOS

Texto **Bianca Mingote**
Ilustrações **Ana Rita Grilo**

Grupo da Universidade de Brasília analisa cotidiano do ensino de Libras e de português escrito para surdos no Distrito Federal em busca de melhorias aplicáveis em âmbito nacional

O termo bilíngue está relacionado ao domínio de duas línguas. No caso da educação para surdos, refere-se ao ensino que é organizado em duas frentes: a da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a do português escrito. Em 2021, a Lei nº 14.191 alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, trazendo disposições sobre a modalidade.

Uma das alterações da norma foi estabelecer como base do ensino no Brasil o “respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas”. Embora a previsão legal seja nova, esses valores já norteavam o projeto *Surdez, bilinguismo e inclusão nas escolas públicas do Distrito Federal: entre o dito, o pretendido e o feito*, da Universidade de Brasília.

Desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagem (Gecal), do Instituto de Letras (IL), o projeto foi iniciado em 2016, analisando práticas educativas voltadas ao público surdo no Distrito Federal (DF), com ênfase na compreensão do empoderamento desse indivíduo em seu contexto multidiverso, ou seja, respeitando sua singularidade, linguagem e cultura.

Desde o início das atividades até 2019, pesquisadores liderados pelo professor do IL Kleber Aparecido da Silva analisaram o cotidiano de duas escolas públicas do DF: o Centro de Ensino Médio Elefante Branco, na Asa Sul, de ensino regular e inclusivo; e a Escola Bilíngue de Taguatinga (EBT), pioneira da modalidade na região.

As experiências vivenciadas no projeto impactaram a visão do docente a respeito do bilinguismo. “Hoje entendo que uma escola de educação bilíngue para surdos deve estar comprometida com que o surdo se aproprie das línguas e das linguagens, e com que ele possa agir e reagir por meio delas”, conta o coordenador do Gecal.





Escola Bilíngue de Taguatinga (EBT), pioneira no DF, se compromete com o objetivo de educar pessoas surdas para agirem e reagirem ao mundo por meio das línguas e linguagens.
Foto: Anastácia Vaz

PERCURSO

A inclusão e a capacidade de atendimento às necessidades da pessoa com deficiência no sistema de ensino são um desafio permanente nas políticas públicas e na prática cotidiana no Brasil. Se a LDB existe desde 1996, foi apenas em 2002 que o Brasil respaldou a Língua Brasileira de Sinais como forma de comunicação e expressão, por meio da Lei nº 10.436, sancionada em 24 de abril – data que veio a se tornar o Dia Nacional da Libras.

Tal reconhecimento foi o ponto de partida para uma jornada gradual trilhada nas últimas décadas. Em 2005, o Decreto nº 5.626 regulamentou aquelas disposições iniciais, estabelecendo mudanças na educação para garantir o acesso e a permanência de estudantes surdos no ensino regular.

A importância da presença de alunos surdos ou com outras deficiências nas classes comuns é validada por especialistas, reiterada por familiares e consta em documentos oficiais. O Ministério Público Federal divulgou, em 2004, a cartilha O acesso de estudantes com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular, para compartilhar conceitos de inclusão e dar direcionamentos à prática.

Vale lembrar que no país não existe apenas esta modalidade de ensino a pessoas com deficiência. Há também o ensino especial e, para o caso das pessoas surdas, a perspectiva bilíngue, com Libras como primeira língua e português como segunda língua.

A preocupação central do projeto desenvolvido pelo Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagem (Gecal) da UnB é avaliar de que modo o ensino de Libras e de português para alunos surdos respeita e considera as particularidades de cada pessoa e de cada lugar.

“Nossa ideia era justamente compreender o que foi dito nos documentos, o que foi pretendido pelas escolas e o que realmente foi feito nesta escola para esse contexto específico”, detalha o professor Kleber da Silva.

“Cada comunidade surda está inserida em um ambiente heterogêneo com demandas específicas em relação à linguagem. Por exemplo, a Libras falada em Brasília é diferente da falada em São Paulo – é a chamada variedade linguística. Esse projeto nos fez rever os alunos como seres importantes e interpretar a educação

MODALIDADES DE ENSINO

ENSINO REGULAR

Também chamado de ensino inclusivo, pois acolhe todos os tipos de alunos, com deficiência ou não.

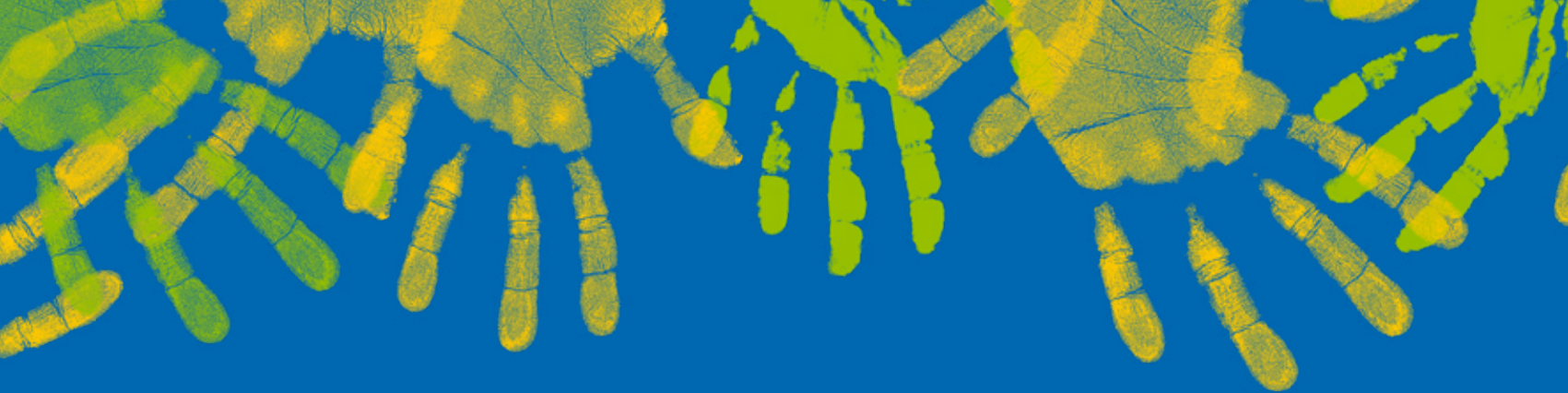
ENSINO ESPECIAL

Ensino voltado especificamente para estudantes com algum tipo de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

BILINGUISMO

Ensino próprio para surdos, em que a metodologia educacional se baseia na oferta de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e de Língua Portuguesa como a segunda língua.





como ato político que vê a linguagem como meio para a pessoa agir e reagir na sociedade”, explana.

A pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) e ganhou destaque. De 2018 a 2020, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) expandiu a pesquisa-ação para todo o Brasil, sob o título *Educação bilíngue para surdos, escola e inclusão*. Nesta fase, o projeto foi considerado pela Capes um dos melhores do país na área de direitos humanos e diversidades. Além de pesquisadores de iniciação científica, de mestrado e de pós-doutorado da UnB, participaram parceiros do Piauí, de Minas Gerais e de Santa Catarina.

O DITO, O PRETENDIDO E O FEITO

Durante os anos da pesquisa, foram encontradas lacunas no ensino bilíngue ofertado. Como a metodologia adotada para o estudo do Gecal/IL foi a pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, que

consiste na realização de trabalho de campo junto ao público-alvo, os problemas foram mapeados pelo grupo com base em participação em aulas e reuniões, entrevistas, oficinas e rodas de conversa com professores e alunos.

Ao contrário do que previa o Plano de Desenvolvimento da Educação de 2007, observou-se que a infraestrutura e os recursos didáticos não eram adequados. Apesar do Decreto nº 5.626/2005, que detalhou a perspectiva de formação de professores, tradutores, intérpretes de Libras e fonoaudiólogos, foi identificado desempenho deficitário dos profissionais. Alguns docentes das escolas pesquisadas não sabiam Libras e não existiam profissionais bilíngues para ministrar disciplinas como Geografia e História.

“As atividades pedagógicas eram realizadas na forma de sinais isolados ou alternados com a fala. Alguns professores não tinham uma vivência linguística e cultural propriamente dita na Língua Brasileira de Sinais”, observa o pesquisador Kleber da Silva.



Clissineide Caixeta integra o corpo de professores totalmente bilíngue da EBT, escola de Taguatinga (DF) que atende apenas pessoas surdas. Foto: Anastácia Vaz



NÍVEIS DE SURDEZ

SURDEZ LEVE OU MODERADA

Deficiente auditivo: pode usar aparelhos auditivos comuns

SURDEZ SEVERA OU PROFUNDA

Surdo sinalizado: sua comunicação é por meio da Libras

Surdo oralizado: faz leitura labial e utiliza a língua portuguesa para falar

Implantado: usa implante coclear, aparelho que pode restaurar a função auditiva

Bílingue ou bimodal: fala Libras e português

Surdo-mudo: expressão incorreta



Clissineide Caixeta é professora, tem especialização aplicada ao ensino de estudantes surdos e atua como diretora da Escola Bilingue de Taguatinga (EBT), uma das instituições analisadas pelo projeto do IL. Quando as práticas locais foram observadas pelos pesquisadores, a linguagem oral era um recurso utilizado em sala de aula. Havia dificuldade em encontrar profissionais fluentes em Libras e algumas disciplinas eram ministradas com apoio de intérprete.

“Hoje isso não ocorre mais. A escola conta com um time de professores totalmente bilingue, sendo que quatro profissionais são surdos”, compara Clissineide. A EBT foi criada em 2013 e atende apenas surdos, deficientes auditivos e codas – filhos ouvintes de pais surdos. A escola oferta desde a educação infantil até o ensino de jovens e adultos. Em 2022, acolhe 109 estudantes.

Desde sua inauguração, a instituição tem evoluído a partir das necessidades que surgem ao longo da caminhada. “Nossos profissionais são muito estudiosos, estão sempre se atualizando e criando novas estratégias e metodologias para aperfeiçoar as condições de aprendizagem dos alunos”, completa a diretora.

Apesar do avanço no capital humano, a instituição ainda enfrenta problemas relacionados à infraestrutura, como a ausência de auditório, que na avaliação da diretora é um espaço importante em uma escola bilingue por proporcionar mais interação social entre os alunos e a comunidade. O tamanho das salas de aula também não é adequado. Por serem pequenas, dificultam a distribuição das cadeiras em formato de U – que propicia melhor visibilidade da sinalização em Libras.

Há a expectativa de que, em breve, a instituição receba sua Sala de Recursos Multifuncionais – espaço com equipamentos de mobiliário e material didático-pedagógico que potencializam o desenvolvimento dos alunos com deficiência. A verba para os equipamentos já foi liberada pelo governo federal. Agora, a gestora aguarda liberação do espaço físico pela Secretaria de Educação. Também há previsão de a instituição receber cinco novas salas de aula pela Novacap, o processo está em fase de planejamento.

Favorecer a criação de uma rede de reflexões para a melhor implementação da educação bilingue é um dos objetivos do trabalho do Gecal. Segundo o professor Kleber da Silva, a atuação dos pesquisadores junto a profissionais e estudantes possibilitou que as escolas repensassem sua própria realidade e estabelecessem caminhos para reduzir a distância entre o que existe e o que está previsto em documentações.

Propostas de revisões de conteúdos expressos na legislação também estão entre os resultados práticos do projeto. Enquanto o Decreto nº 5.626/2005 estabeleceu a graduação como requisito de formação para professores de educação infantil, ensino básico e superior, os pesquisadores recomendam a formação continuada desses profissionais, para que se mantenham em constante evolução.

SEMENTES

O Gecal foi idealizado em 2012 e certificado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2014. Docentes da educação básica e superior e estudantes da graduação e pós-graduação integram a equipe do Gecal. Desde sua criação, o grupo realiza eventos como a Jornada Internacional de Linguística Aplicada Crítica e a Conferência Internacional em Estudos da Linguagem.

Para divulgar as produções dos pesquisadores, o Gecal coordena a elaboração de séries e de dossiês temáticos em publicações na área de linguagens do Brasil e do exterior. A iniciativa segue espalhando sementes com a expectativa de, no futuro, ver brotar frutos como políticas públicas elaboradas com a participação de pessoas surdas e sensíveis às questões culturais específicas desse grupo.

De 2022 a 2026, o Gecal investigará experiências e levantará discussões relacionadas às práticas bilingues em escolas do Brasil e de outros países da América do Sul e do sul global. A ideia é refletir sobre necessidades sociais, educacionais e linguísticas e sobre determinantes históricos e culturais que influenciam na educação bilingue dos surdos.

IMPACTO, RE

Texto **André Gomes e Gisele Pimenta**
Design **Francisco George Lopes**

A Universidade de Brasília não se desvia da sua vocação: promover ciência, difundir conhecimento, formar profissionais, mobilizar pessoas. Não há muros entre academia e sociedade.

Completar 60 anos no momento presente é marco simbólico. De um lado, setores da sociedade questionam o papel das instituições federais de ensino superior. Duvidam da ciência. Defendem o corte de investimentos públicos. Do outro, universidades resistem. Sobem ao palco. Reivindicam seu lugar. Brillham.

Acurada e precisa, a síntese é retrato de um contexto no qual a luta é diária. É retrocesso duvidar da educação como pilar para a justiça e equidade. *“Como a UnB foi necessária para que você se tornasse uma pessoa atuante em prol da sociedade?”*, provoca esta seção. Estudantes, egressos e servidores da instituição confirmam: o conhecimento impacta e transforma.

Protagonistas, as personagens aplicam em suas realidades e comunidades o que na UnB viveram e aprenderam. Agentes da mudança social, contribuem para a construção de espaços mais acolhedores e mais diversos. Questionadores, trazem perguntas únicas e difundem resposta inéditas.

A Universidade de Brasília são essas pessoas.

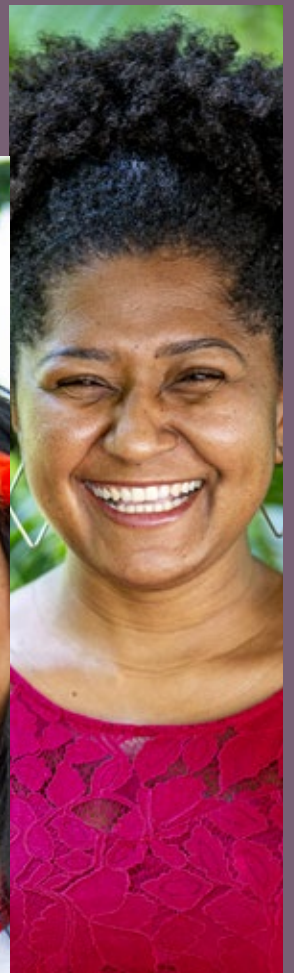
Essas pessoas são a UnB.

Nestes 60 anos e nos próximos.



E TRANS

RESISTÊNCIA



FORMAÇÃO

NAHIANE GUIMARÃES

Quilombola do povo Kalunga (GO)

Extensionista do projeto *Centro de Documentação
Quilombola Ivo Fonseca*

“A UnB ME TROUXE
OPORTUNIDADE DE
SER PROTAGONISTA
PARA CONTAR,
ESTUDAR E
LEVAR AO NOSSO
QUILOMBO O
CONHECIMENTO
ADQUIRIDO NA
UNIVERSIDADE”





“A UnB FOI UM ESPAÇO PARA CONHECER O NOVO. HOJE, FORTALEÇO NOSSOS SABERES TRADICIONAIS AO MESMO TEMPO QUE BUSCO FORMAS DE TAMBÉM ATUAR EM CONJUNTO COM A COMUNIDADE NÃO INDÍGENA”

Foto: Luis Gustavo Prado

DINAMAM TUXÁ

Indígena do povo Tuxá (BA)

Doutorando da Faculdade de Direito

THAÍSE TORRES

Cotista egressa do curso de Jornalismo

Graduada em Antropologia e servidora da UnB

Foto: Luis Gustavo Prado

“VEJO SENTIDO EM DIVULGAR PESQUISAS CIENTÍFICAS, EM PRODUIR ESTUDOS. A UnB TRAZ DADOS QUE SUBSIDIAM POLÍTICAS SOCIAIS. TORNÁ-LOS PÚBLICOS É A PARTE DO MEU TRABALHO QUE PROJETA A UNIVERSIDADE PARA FORA DELA MESMA E EU REALMENTE GOSTO DISSO!”





“A UnB FOI UMA DAS PRIMEIRAS UNIVERSIDADES DO BRASIL A ENFRENTAR A SOCIEDADE PARA PROMOVER PROJETOS DE INCLUSÃO. MINHA FORMAÇÃO SE AGREGA À LUTA PELA EFETIVAÇÃO DE DIREITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS DA POPULAÇÃO QUILOMBOLA”

Foto: Luis Gustavo Prado

VERCILENE DIAS

Advogada e primeira quilombola mestra em Direito no país
Doutoranda da Faculdade de Direito


AISLAN PANKARARU

Indígena do povo Pankararu (PE)
Egresso de Medicina

Foto: Raquel Aviani

“O QUE APRENDI NA UnB ME DEU HABILIDADES PARA AUXILIAR NÃO APENAS A POPULAÇÃO INDÍGENA, MAS TODOS OS USUÁRIOS DO SUS. ATUO EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE QUE, APESAR DE SER EM SÃO PAULO, TAMBÉM ATENDE DEMANDA DO POVO PANKARARU”





“MINHA PASSAGEM
PELA UnB ME
ENCORAJOU A
OCUPAR ESPAÇOS
DE MOBILIZAÇÃO.
TENHO A
OPORTUNIDADE
DE REPRESENTAR
A MINHA
COMUNIDADE
KALUNGA E MEU
TERRITÓRIO. MINHA
GRADUAÇÃO ME
POSSIBILITOU
CORRER ATRÁS
DESSES POSTOS
DE PODER QUE SÃO
NOSSOS”

Foto: Acervo pessoal

MARIA LÚCIA MARTINS

**Quilombola egressa da licenciatura
em Educação do Campo**

Secretária Municipal de Igualdade Racial
e da Mulher em Cavalcante (GO)



Foto: Anastácia Vaz

“VIM DE SANTA MARIA DA VITÓRIA, INTERIOR DA BAHIA, EM BUSCA DO ENSINO SUPERIOR. MINHA INSERÇÃO NO MOVIMENTO NEGRO, BEM COMO AS VIVÊNCIAS NA GRADUAÇÃO E NO MESTRADO ME PERMITIRAM TER A EXATA IDEIA DO QUANTO REVERBERO NO MEU PÚBLICO DIRETO E NOS FRUTOS DO MEU TRABALHO DE PROFESSOR”

MURILO MANGABEIRA

Ativista do movimento negro
Egresso da graduação e do mestrado
em Sociologia

NAYRA PAYE

Indígena do povo Kaxuyana (PA)

Graduanda em Geografia

“MEU CURSO E MINHA ATUAÇÃO NA PRESIDÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DOS ACADÊMICOS INDÍGENAS DA UnB TÊM DEFINIDO MINHA LUTA DENTRO DO TEMA DOS TERRITÓRIOS E COMUNIDADES INDÍGENAS. MEU POVO KAXUYANA E AS SOCIEDADES QUE EXISTEM DENTRO DA UNIVERSIDADE TÊM REPRESENTAÇÃO”



UnB EM SIGLAS

Texto **Kárin Ventura**
Ilustração **Marcelo Jatobá**

A história da UnB se confunde com a de sua cidade-mãe, Brasília. Foram gestadas proximamente e construídas em prazos inimagináveis, para poderem, juntas, abrigar e acolher os moradores da nova capital do País. E assim como a cidade (ver *Brasília em palavras*, na edição especial da *Darcy*), a UnB também tem seu vocabulário próprio.

Quando de sua criação, a UnB foi dividida em institutos – que objetivavam a formação de pesquisadores e especialistas – e faculdades, com foco na formação técnica e profissional. Daí a diferença nos nomes dessas unidades acadêmicas. Com o tempo, surgiram os departamentos, que são organizados por áreas de conhecimento e vinculados aos institutos ou faculdades.

Andar pelos campi também é se deparar com uma infinidade de siglas*, que se conectam intimamente com as vivências não só dos estudantes, mas de todos frequentadores da Universidade.

No CO – o Centro Olímpico, não o mítico centro de orientação –, alunos, professores e técnicos podem desfrutar da estrutura para praticar atividades físicas, além de atividades de ensino e pesquisa. Lá são ofertadas disciplinas de prática desportiva, a exemplo de caiaque, voleibol e ginástica funcional – que podem ser cursadas pelos estudantes e ainda garantem créditos na grade curricular.

Ali ao lado fica a CEU – Casa do Estudante Universitário. Inaugurada na década de 1970 e reformada nos anos 2010, a CEU abriga estudantes de fora do DF e que estejam em situação de vulnerabilidade socioeconômica. São dois blocos, totalizando 90 apartamentos, sendo dois deles adaptados para atender estudantes com deficiência. Também há CEU na Colina (o conjunto de habitações funcionais), essa dedicada a acolher alunos de pós-graduação.

Ainda no campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte, os estudantes contam com 3 módulos de apoio e serviços comunitários, os MASCs – com ofertas de alimentação e serviços de reprografia e impressão. Nas faculdades de Ceilândia (FCE), do Gama (FGA) e de Planaltina (FUP), são os módulos de serviços e equipamentos esportivos, os MESP, que acomodam serviços básicos de apoio à vida acadêmica.

E quando o assunto é alimentação, nenhuma “praça” faz mais sucesso do que o Restaurante Universitário

– o RU. Com unidades nos quatro campi, o RU é um universo à parte. O cardápio sempre é assunto entre os estudantes e já rendeu nomes curiosos.

Houve um tempo em que um dos pratos principais – feito de carne moída e vegetais – era chamado de “Silveirinha”. Conta a lenda que o nome homenageava um funcionário que caiu no moedor de carne. Cruzes!

Outro lugar que faz sucesso entre os estudantes é a biblioteca. A BCE – Biblioteca Central – fica no campus Darcy Ribeiro. Os demais campi contam com as bibliotecas setoriais. Em todas as unidades, a biblioteca dispõe de serviços de consulta ao acervo, empréstimos de livros, digitalização e outros serviços remotos**.

A siglas estão presentes também nas rotinas acadêmicas dos estudantes. O Sigaa – Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas – é uma das mais recentes no vocabulário acadêmico. É pelo Sigaa que os alunos solicitam a matrícula em disciplinas e podem emitir documentos como atestado de matrícula, histórico escolar e declaração de vínculo.

Os editais do Pibic – Programa de Iniciação Científica – são sempre procurados por quem deseja se envolver no universo da pesquisa. Já a Semuni, a Semana Universitária, promovida anualmente em setembro, é focada nas ações de extensão.

As decisões que regem as atividades acadêmicas e administrativas da UnB são tomadas, principalmente, pelos conselhos superiores: o Consuni (Conselho Universitário), o Cepe (de Ensino, Pesquisa e Graduação) e o CAD (de Administração).

Os nomes são ressignificados pelos usuários ao longo dos anos e das gerações. Ganham apelidos, alguns carinhosos, outros pejorativos. O Instituto Central de Ciências (ICC), prédio mais icônico do campus Darcy Ribeiro, ganhou a alcunha de minhocão, em referência ao seu formato – linear, com cerca de 700 metros e colunas de concreto aparente. Os vãos do ICC, por sua vez, são chamados de udefinho (na parte sul) e ceubinho (na parte norte). Quem arrisca um palpite para a origem desses apelidos?

Pela rua de serviço do ICC, passava o chamado “transminhocão”, um pequeno ônibus que levava os alunos para outros prédios no campus. Ou não. Muitos dizem não passar de lenda urbana.

Esse universo de siglas já rendeu lendas, (des)encontros e conversas memoráveis. A *Darcy* quer saber a sua história: revistadarcy@unb.br.

*Na edição 24 da revista *Darcy*, a coluna *A última flor* aborda o uso e a formação de siglas

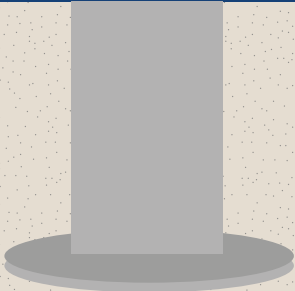
**É necessário verificar com as unidades as orientações para prestação desses serviços



← ICC Ala Sul
← BSAS
← FS
FD →



**RU - Restaurante
Universitário**



Atuante como sempre, necessária como nunca



Fique por dentro das iniciativas que celebram os 60 anos da Universidade de Brasília!

-  www.unb.br
-  www.facebook.com/oficialUnB
-  twitter.com/unb_oficial
-  [instagram/unb_oficial](https://www.instagram.com/unb_oficial)
-  www.unbtv.unb.br



*Atuante como sempre,
necessária como nunca*